

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO SABERES E PRÁTICAS DA EDUCAÇÃO
BÁSICA - ÊNFASE EM ENSINO DE SOCIOLOGIA

ADRIANO CEZARIO ASSIS

CONTRIBUIÇÕES DO RAP PARA O ENSINO DE SOCIOLOGIA: CONECTANDO
JUVENTUDES E CONTEÚDOS SOCIOLÓGICOS

RIO DE JANEIRO

12/2020

ADRIANO CEZARIO ASSIS

**CONTRIBUIÇÕES DO RAP PARA O ENSINO DE SOCIOLOGIA: CONECTANDO
JUVENTUDES E CONTEÚDOS SOCIOLÓGICOS**

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação Lato Senso em Ciências Sociais e Educação Básica, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Ciências Sociais e Educação Básica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof. Mestra Ana Francisca Marques Nunes Rosa.

Banca Examinadora:

Prof. Mestra Ana Francisca Marques Nunes Rosa – Orientadora (UFRJ)

Prof. Doutora Joana da Costa Macedo (UFRJ)

Prof. Mestra Jessika Rezende da Silva (UFRJ)

RIO DE JANEIRO

12/2020

DEDICATÓRIA

Ao Hip Hop, que foi minha primeira escola de formação política. A todos os Rapper's homens e mulheres (LGBTQI+) entre outros, que usam a revolta e a poesia como ferramenta de luta contra toda e qualquer injustiça social.

“Tô na profissão perigo dando a vida pela causa, sem medo da elite e seus cães de automática. Se tiver uma vitória contra os genocidas do país, pode por na lápide que o Eduardo morreu feliz” [1].

A todos os (as) professores (as) que foram referências na minha jornada e dedicam seu tempo e suas vidas pela educação libertadora, por uma pedagogia como prática da liberdade.

“Ninguém liberta ninguém, as pessoas se libertam em comunhão. Vencer a si próprio é revolução, a boca fala do que está cheio o coração” [2].

[1] Eduardo Taddeo – Música: Morreria feliz, álbum: O necrotério dos vivos.

[2] Heitor Valente – Música: O legado, álbum: O Legado.

AGRADECIMENTOS

Principalmente às pessoas envolvidas nesse trabalho. Pessoas que me ajudaram a crescer intelectualmente e evoluir como Cientista Social.

A minha namorada, Rebeca, por compreender as ausências e oscilações de humor devido à cobrança e dedicação intensa que um trabalho desse tipo exige. Por me ajudar na construção dessa monografia ouvindo infinitas vezes no que consiste meu trabalho, ajudando com sugestões e dicas.

A minha orientadora, Ana Francisca Marques Nunes Rosa, pela paciência e ajuda. Por ler e reler este trabalho inúmeras vezes e sempre contribuir enormemente com sugestões, dicas e elogios. Por me ensinar a construir um trabalho acadêmico com o rigor teórico-metodológico, me lapidando para futuros trabalhos desse modelo.

Ao Cespeb, por disponibilizar um curso tão enriquecedor e com profissionais tão engajados com o aperfeiçoamento da profissão docente e o ensino de Sociologia. Não só os (as) professores (as), mas todos os atores envolvidos nesse projeto tão importante.

E, por fim, aos amigos, alunos e professores que fiz nessa passagem tão rica e bacana que foi poder participar do Cespeb. Gratidão a todos (as) os (as) envolvidos (as) que dedicaram tanto de si, acreditando que um mundo melhor é possível.

RESUMO

Este trabalho tem como intenção analisar as possibilidades do uso do gênero musical Rap para o ensino de Sociologia no Ensino Médio, apontando suas possíveis contribuições como recurso didático. O Rap com seu viés politizador e contestador, possui em suas letras conceitos e questionamentos inerentes às Ciências Sociais, o que possibilita sua interface com o ensino de conteúdos Sociológicos no Ensino Médio. Sua utilização como ferramenta pode dinamizar as aulas e atrair a atenção dos estudantes por se tratar de uma forma alternativa para aprender os conteúdos Sociológicos, considerando que este é um gênero musical frequentemente consumido por eles. Esse recurso didático é compreendido aqui, como uma ferramenta auxiliadora no ensino da disciplina, e não pretende substituir outras ferramentas já existentes. Ou seja, o educador deve utilizá-lo como um elo entre o ensino das teorias e dos conteúdos Sociológicos e o entendimento do aluno, trazendo sempre o arcabouço teórico para o qual o recurso deve contribuir. O Rap, por ser uma dimensão do vivido, e os fundamentos que o impulsionam serem extraídos do cotidiano, é uma ferramenta em potencial para ensinar Sociologia, pois, ao trazer nas suas letras elementos como: desigualdades sociais, racismo, violência, identidade, cultura, entre outras coisas, se torna um instrumento pedagógico articulador da relação ensino-aprendizagem. Apresento também, ancorado no conceito de *habitus*, como o Rap produz linguagem própria e a sua contribuição para a construção da identidade social dos jovens, na vivência da sua condição juvenil, condição esta, também discutida e explorada neste texto. O presente trabalho está dividido em dois momentos: revisão bibliográfica e aplicação de questionários. Na pesquisa bibliográfica menciono a contribuição de autores que pensaram e estudaram a possibilidade do uso desse recurso para ensinar Sociologia, disciplina na qual ainda é pouco utilizado. Já a aplicação dos questionários, foi feita em uma escola Estadual do Rio de Janeiro e teve como objetivo saber o que pensam os alunos sobre o uso desse recurso nas aulas de Sociologia. Este trabalho está submetido ao curso de Especialização Saberes e Práticas da Educação Básica, com ênfase no ensino de Sociologia (CESPEB), oferecido pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, realizado entre os anos de 2019 e 2020.

Palavras-chave: Sociologia. Rap. Recurso didático. Ensino de Sociologia.

ABSTRACT

This work aims to analyze the possibilities of using the Rap musical genre to teach of Sociology at the High School, pointing out its possible contributions as a didactic resource. The Rap with politicizing and defiant bias, has in your lyric inherent concepts and questions to Social Science, which enable your interface with the teaching of Sociological contents in High School. The utilization like tool can boost the class and to attract the students' attention because it is an alternative way to learn the Sociological subjects, considering that this is a musical genre frequently consumed by them. The didactic resource assist in the discipline teaching and do not intend to replace another existing tool. It means that the teacher must make a link between theory teach, Sociological subjects and the understanding of the student, always bringing the theoretical framework to which the resource should contribute. Rap, for being the dimension of the lived and the foundations that were extracted from daily is a tool in potential to teach Sociology, because it brings in your lyrics elements like: social inequality, racism, violence, identity, among other things, becomes an instrument that articulates the teaching-learning relationship. I also present, anchored in concepts of habitus, like the rap produces your own language and your contribution to the building of social identity of young people in the experience of their youth condition that is discussed and explored here. This work is submitted to Specialization Course Knowledge and Practices of Basic Education, with emphasis on the teaching of Sociology (CESPEB), offered of the Faculty of Education of the Federal University of Rio de Janeiro; realized between the years 2019 and 2020. This present work is divided in two moments: in the bibliographic research I mention the contribution of authors who thought and studied the possibility of using this resource to teach Sociology, a discipline in which it is still little used. On the other hand, the questionnaires were applied in a State school in Rio de Janeiro and aimed to know what students think about the use of this resource in sociology classes.

Keys-words: Sociology. Rap. Didact Pedagogical. Teach of Sociology.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1 – O HIP HOP/RAP E ENSINO DE SOCIOLOGIA	15
1.1 - Algumas questões teóricas.....	15
1.2 - Possibilidades didáticas	17
CAPÍTULO 2 – JUVENTUDE, CONDIÇÃO JUVENIL E O CONTEXTO ESCOLAR	26
CAPÍTULO 3 – O <i>HABITUS</i> DO MOVIMENTO HIP HOP.....	32
CAPÍTULO 4 – O CAMPO	37
4.1 – O Colégio Estadual Olga Benário Prestes.....	37
4.2 - Os questionários	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	47

INTRODUÇÃO

O Rap, gênero musical integrante do movimento Hip Hop, é compreendido nessa monografia como um recurso didático¹ em potencial para ensinar Sociologia. Pretendo aqui, apontar a contribuição dele como material didático para auxiliar a aprendizagem dos jovens dentro do espaço escolar e estimular o processo de ensino-aprendizagem, esperando que sejam mais participativos e compreendam os conteúdos sociológicos partindo da reflexão de suas próprias realidades, exercício semelhante ao que é feito no Rap.

Esse tema surge, inicialmente, de minha própria trajetória de vida. Não como rapper ou integrante do movimento Hip Hop, mas como um dos milhares de ouvintes desse gênero musical. Meus primeiros contatos com essa cultura foi ainda na adolescência. Cresci ouvindo Rap, ele fez e faz parte do meu cotidiano. O interesse em pesquisar sobre sua potencialidade para ensinar conteúdos sociológicos teve início na minha graduação em Ciências Sociais, no período de 2014 a 2018, realizada na Faculdade Educacional Unificada Campo-grandense (FEUC).

Porém, antes mesmo de iniciar a graduação, eu já havia criado uma identificação com o Rap por consumir esse gênero musical, por volta dos anos 2002/2003, na minha adolescência. Nesse mesmo ano os Racionais Mc's haviam lançado mais um de seus álbuns: o "Nada como um dia após o outro"². Músicas como Vida loka parte 1, Negro drama, Eu sou 157, A vida é desafio, etc., tocavam nas casas, carros, bares e bailes da época.

Nessa produção poética, a estrutura das letras, a fidelidade ao território e a explicitação de uma temática social são elementos identificadores do rap [...] O conteúdo reflete o lugar social concreto onde cada jovem se situa e a forma como elabora suas vivências (DAYRELL; REIS, 2002, p. 127).

Naquele espaço-tempo, mesmo sem ter o entendimento apurado e científico produzido pelas Ciências Sociais e o que significavam as letras no seu sentido político, contestador e social, conseguia assimilar muitos significados e identificações com a minha vivência de jovem periférico. Acredito tratar-se da manifestação do meu olhar e da minha imaginação sociológica (MILLS, 1975)³.

¹ Para Cerqueira e Ferreira (1996), recurso didático é toda ferramenta utilizada para facilitar a transmissão de conteúdos visando auxiliar o educando a realizar sua aprendizagem de forma mais eficiente.

² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eRUa-1kTvT4>. Acesso em: 10/06/2020.

³ Para Charles Wright Mills (1975), a imaginação sociológica é a qualidade intelectual básica necessária para que os homens compreendam a história, a biografia e as íntimas relações entre elas, dentro da sociedade. Para Lazzareschi (2018, p. 10), "a conscientização política, por exemplo, é, talvez, a expressão política mais importante da imaginação Sociológica". Quando o Rap contesta a ordem social estabelecida, trata-se de uma conscientização política utilizada pelos rappers, transformada em arte/música.

A partir dessa vivência, de experiências e bibliografias que serão apresentadas neste trabalho, aposto na potencialidade de ensinar conteúdos sociológicos para os alunos do Ensino Médio a partir das contribuições do Rap. A ideia é criar uma relação entre ele e o ensino das Ciências Sociais que favoreça a aprendizagem dos estudantes, apresentando os conteúdos, conceitos e teorias (OCN, 2006, p. 117) através das letras que narram a vida social e suas múltiplas interpretações.

O Rap como recurso didático para ensinar Sociologia, sobretudo direcionado aos estudantes do Ensino Médio, tem como proposição ofertar um elo que possibilite apreender as tensões e conflitos que constituem a vida em sociedade. Segundo Oliveira (2015, p. 16) a preocupação desse estilo musical está nas “articulações que os sujeitos, por meio do Rap, constroem entre cultura, vida cotidiana e política”.

Dessa forma, a Sociologia é que tem a competência para construir essa relação, pois de acordo com as Orientações Curriculares Nacionais do Ensino Médio (2006), uma das funções do ensino da Sociologia na Educação Básica é oferecer aos educandos recursos para desnaturalizar os diferentes discursos sobre a construção da realidade, inclusive as colocadas pelo senso comum. Com isso, a proposta é provocar novos olhares acerca de outras maneiras de refletir e também transformar o meio social no qual estão inseridos. Assim, o Rap possibilita, inclusive, viver e pensar o mundo contemporâneo e as suas transformações históricas, partindo do entendimento da vida social dos próprios estudantes, gerado a partir da experiência da utilização desse recurso didático.

Ainda baseado na OCN (2006, p. 108), “o grande obstáculo é a transposição didática dos conteúdos voltados para o Ensino Médio” e a utilização de recursos que facilitem o entendimento do discente sobre as explicações dos fenômenos sociais, dado a diversidade explicativo-sociológica desses fenômenos.

Sobre essa dificuldade de formulação didática, Bernstein (1996) utiliza o conceito de *recontextualização* ou princípio *recontextualizador*. Segundo Desterro (2016, p. 19), Bernstein utiliza o termo *recontextualização* “referindo-se ao complexo processo em que um determinado tipo de conhecimento/discurso, ao sair de sua esfera original de produção, ganha novos significados”. Contudo, *recontextualização* não é apenas simplificação ou adaptação do discurso. Implica um conjunto de elementos produzidos e reproduzidos em diferentes contextos e explicados a depender da regulação da ordem social e das relações de poder⁴. O

⁴ Para uma análise mais aprofundada do conceito de recontextualização ver: Bernstein (1996, 2003), Desterro (2016) e Chevallard (1991).

papel do professor é fundamental nessa transposição como veremos em alguns momentos neste trabalho.

Minha investida, é que dentre as principais vantagens do uso do Rap, esteja a viabilidade de trabalhar com os conceitos, temas e teorias das Ciências Sociais. O recurso vem para auxiliar esses recortes, sem que haja uma sobreposição entre eles. Essa proposta tem a intenção de trabalhá-los de forma articulada, como é sugerido pelo documento mencionado acima. Submetendo os fenômenos sociológicos a um processo de estranhamento, problematização, desnaturalização, etc.

Outro aspecto que pretendo explorar com esse trabalho é que não só o Rap, mas o Hip Hop, como organização sociocultural, cria um *habitus* (Bourdieu, 2007) específico que pode ser aproveitado para compreensão dos anseios, estímulos, inquietações e outros sentimentos envolvidos na relação dos jovens estudantes com o mundo social.

Para explicar o conceito de *habitus*, recorro ao Sociólogo Pierre Bourdieu, onde o autor compreende essa ideia como uma “subjetividade socializada” (Bourdieu, 1992, p.101 *apud*, Setton, 2002, p. 63), ou seja, maneiras de percepção, ajustamento e ação que é internalizado e externalizado por indivíduos ou grupos. Destaco também a (re) definição de Setton (2002) ao conceito de *habitus*, pois a autora faz uma leitura contemporânea contribuindo com novas análises. Ela utiliza o conceito de *habitus* como uma noção que auxilia pensar as características de uma identidade social e/ou de grupos culturais.

Outra categoria de análise que utilizo neste trabalho é a de **condição juvenil** e não somente a de juventude⁵. Entender a condição juvenil é necessário, pois, compreender o que esperam esses jovens da instituição escolar, sobre o Ensino ofertado e sua relação com o mundo ao qual pertencem, contribui para a elaboração do próprio currículo escolar⁶.

⁵ A categoria **juventude** tem ampla discussão nas Ciências Sociais, como a do Sociólogo Pierre Bourdieu, por exemplo, em “Juventude é apenas uma palavra”. Pois, a juventude e outras etapas da vida como a fase adulta e a velhice são categorias socialmente construídas. Um dado biológico socialmente manipulado e manipulável (BOURDIEU, 1983, p. 2).

⁶ Baseado nas Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (que prevê, entre outros, os conhecimentos de Sociologia), entende-se por currículo a mediação que a escola faz entre o indivíduo e a sociedade, oferecendo “procedimentos e conhecimentos que façam essa transição. De um lado, o acesso a informações profissionais é uma das condições de existência do Ensino Médio; do outro, o acesso à informação sobre a política, a economia e o direito é fundamental para que o jovem se capacite para a continuidade nos estudos e para o exercício da cidadania” (OCN, 2006, p. 110).

Para melhor definir a condição juvenil, recorro aos professores e pesquisadores Juliana B. Reis e Juarez Dayrell (2007)⁷, que dirão que essa categoria refere-se à maneira de ser, à situação de alguém perante a vida e perante a sociedade.

Refere-se ao modo como uma sociedade constitui e atribui significado a esse momento do ciclo da vida, no contexto de uma dimensão histórico geracional, mas também a sua situação, ou seja, o modo como tal condição é vivida a partir dos diversos recortes referidos as diferenças sociais – classe, gênero, etnia, etc. (DAYRELL; REIS, 2007, p. 3).

Para os autores, a vivência da condição juvenil possui múltiplas dimensões, uma espécie de subcampos que são indispensáveis para a compreensão da relação dos jovens com a malha social, como, por exemplo: as culturas juvenis, a sociabilidade, o espaço e o tempo e as mutações nos processos de socialização.

As culturas juvenis podem ser compreendidas como expressões simbólicas que se manifestam na diversidade e que ganham visibilidade por meio dos estilos, que tem no corpo e no comportamento, suas marcas distintivas. Roupas, piercings, brincos, bonés; gírias, gestos corporais, etc. Onde demarcam identidades individuais e coletivas.

A sociabilidade expressa uma dinâmica de relações de proximidade e afastamento entre os jovens. Segundo Dayrell e Reis (2007), a sociabilidade para os jovens parece responder as suas necessidades de comunicação, de solidariedade, de democracia, de autonomia, de trocas afetivas e, principalmente, de identidade. É compreendida como uma relação em processo, onde o universo juvenil através do convívio com outras redes de relações sociais constitui um “eu”, um “nós” e um “eles” distintivo.

O tempo e o espaço referem-se à capacidade dos jovens de transformar os espaços físicos em espaços sociais e de uma forma própria de viver o tempo. Há certa ênfase no tempo presente. Nesse espaço-tempo é possível perceber formas alternativas de vivenciá-los, de acordo com ambientes como: família, trabalho e, sobretudo, a escola.

As mudanças nos processos de socialização é onde podemos situar esse jovem em relação a outras instituições, principalmente, na escola. O jovem que chega à escola, em especial à escola pública, apresenta marcas distintivas, práticas sociais e um universo simbólico particular, que o distingue das gerações anteriores. A composição da condição juvenil “constitui-se como um ator plural, produto da experiência de socialização em contextos sociais múltiplos” (DAYRELL; REIS, 2007, p. 8).

⁷ Os pesquisadores e professores Juliana B. Reis e Juarez Dayrell usam a ideia de condição juvenil e não de juventude, pois, para eles, a palavra juventude tem certa imprecisão, considerando a variedade de juventudes construídas atualmente. (Para uma discussão mais ampla sobre a noção de juventude, cf. PAIS, 1993 e DAYRELL, 2005).

É preciso levar em conta que essa condição juvenil vem se construindo em uma conjuntura de profundas transformações socioculturais realizadas no mundo ocidental nas últimas décadas, fruto da ressignificação do tempo e espaço, dentre outras dimensões, o que vem gerando uma nova arquitetura social (GIDDENS, 1991).

Nessa perspectiva, pretendo analisar a contribuição do Rap para as competências do ensino da Sociologia, que de alguma maneira, acabam fazendo parte do processo de formação desses jovens que estão em relação com as múltiplas dimensões do tecido social, como: família, trabalho (em alguns casos), e, sobretudo, a escola, como espaço de sociabilidade, socialização e com práticas culturais juvenis. Pretendo ainda, pensar o estudante dentro da instituição escolar não apenas como aluno; homogêneo e genérico, mas como sujeitos sociais dotados de práticas culturais específicas, um *habitus*, inclusive, através da formação de agrupamentos, linguagens, estilos, adesões, conflitos, etc.

Busco também, considerando o Rap como recurso didático, chamar a atenção de professores de Sociologia para a especificidade da sua formação, sugerindo que este assumo o papel de Sociólogo na escola. Como aponta Dayrell e Reis (2007):

Há a necessidade de os professores de cada escola desnaturalizarem a visão que possuem de seus alunos, superando preconceitos e estereótipos, compreendendo-os como sujeitos sociais com demandas e necessidades próprias [...] reconhecidos nas suas especificidades, o que implica serem reconhecidos como jovens, na sua diversidade (DAYRELL; REIS, 2007, p. 11).

Essa definição ganha apoio e concretude na observação de Lima Filho (2014), onde o autor faz um importante apontamento sobre unir aquilo que jamais deveria ser separado: culturas juvenis e escola. É importante destacar que culturas juvenis, neste trabalho, tem relação com o movimento Hip Hop e o gênero musical Rap. Pois, como já fora mencionado, culturas juvenis podem ter ampla interpretação e múltiplas manifestações⁸.

Sendo assim, o direcionamento deste trabalho é exclusivamente com desejo de contribuir com novos recursos para o ensino de Sociologia no Ensino Médio usando uma ferramenta próxima da arquitetura social e cultura dos jovens estudantes. O aspecto central desta pesquisa articula essas três coisas: o Rap como recurso didático, seu uso para ensinar Sociologia para jovens estudantes do Ensino médio e os sistemas de disposições incorporados por esses sujeitos, um *habitus*, nos ambientes intra e extraescolar, compreendendo que este último não se dissocia da sua identidade e de sua condição juvenil.

⁸ Não pretendo discutir a fundo, neste trabalho, o conceito de culturas juvenis. Para melhor compreensão, ver: ABRAMO, 2005; CARRANO, 2002; DAYRELL, 2003,2005 e PAIS, 1993.

Em relação ao capital cultural, procuro desdobrar minha investigação sobre esse caráter indissociável do jovem “aluno” e de sua condição juvenil, a fim de compreender, como já foi mencionado aqui, como as culturas juvenis e o espaço escolar estão interligados. A apreensão do que é ser estudante tem que estar conectado pela percepção do que é ser jovem em outros espaços, fora dos muros da escola. De acordo com Dayrell e Reis (2007), podemos afirmar que “a escola perdeu o monopólio da socialização dos jovens, mesmo continuando a ser uma referência significativa para a vivência juvenil” (p.1.124).

Utilizo a fundamentação teórica de um grupo de autores que sinalizam a relevância da inserção de novos instrumentos pedagógicos para discutirmos temas inseparáveis do campo das Ciências Sociais, destaco: Andrade (1999), Bodart, (2020), Brito (2017), Dayrell (1996, 2002, 2003, 2007), Lima Filho (2014), Menegasso (2019), Oliveira (2015), Pais (1993) e Setton (2002), dentre outros especialistas que se debruçam sobre as temáticas que pretendo explorar neste estudo.

Portanto, considero práticas de ensino que auxiliem na assimilação dos conteúdos sociológicos, de uma transposição didática direcionada para os estudantes do Ensino Médio, mas, em especial, de um recurso didático que torne temas, conceitos e teorias mais elucidativos e próximos do cotidiano dos jovens estudantes.

As estratégias metodológicas aplicadas na execução desta monografia foram: leituras de textos, livros, artigos e dissertações de autores que tratam das temáticas já apontadas aqui, como o Rap, recursos didáticos, ensino de Sociologia, juventudes e condição juvenil, *habitus*, entre outros. Além disso, me valho da aplicação e análise de questionários a estudantes do Ensino Médio de algumas turmas de primeiro e segundo ano do Colégio Estadual Olga Benário Prestes, a fim de investigar o que esperam os educandos das aulas de Sociologia, sobretudo aquelas que contam com auxílio do Rap como recurso didático.

O objetivo geral deste trabalho consiste em analisar como o Rap, enquanto um recurso didático pode favorecer a aprendizagem de conteúdos Sociológicos para os estudantes do Ensino Médio. Os objetivos específicos se baseiam em identificar a possível colaboração do Rap para ensinar conteúdos sociológicos para estudantes do Ensino Médio; conhecer as percepções dos estudantes via questionários, a fim de verificar o que esperam das aulas de Sociologia utilizando o Rap como ferramenta pedagógica; analisar se há aceitação dessa possibilidade e explorar o capital cultural gerado na relação rap-escola-condição juvenil.

Para isso, no primeiro capítulo irei tratar das potencialidades do Rap como recurso didático para o ensino de conteúdos sociológicos, apoiado nas Orientações Curriculares

Nacionais (OCN). Buscarei associar, a fim de dar sentido a minha proposta, algumas letras e imagens a esses recortes e tornar mais clara minha assertiva de que o gênero musical Rap favorece a compreensão dos fenômenos sociais.

No segundo capítulo, analiso os jovens como indivíduos que possuem múltiplas sociabilidades, buscando desconstruir a ideia de juventude como unidade social, ou como “todos iguais”. Apresento também, as múltiplas dimensões da **condição juvenil** como: A sociabilidade, as culturas juvenis, o trabalho, o espaço e o tempo. Discutindo a relevância de compreender os jovens, como sujeitos que possuem maneiras próprias de se expressar. E o papel da escola como instituição que deve contribuir na formação desses sujeitos para o exercício da cidadania.

No terceiro capítulo, comento a respeito do *habitus* produzido na relação dos jovens com o Hip Hop - especialmente com o elemento Rap, sua condição juvenil e o espaço escolar. Pensando em recursos que possibilitem a assimilação dos conteúdos sociológicos com base na aproximação das experiências dos estudantes.

No quarto capítulo apresento os questionários aplicados aos estudantes sobre o que eles esperam de aulas de Sociologia que contam com o Rap como instrumento pedagógico, se já tiveram ou tem professores que usaram esse recurso, se perceberam uma facilitação do processo de ensino-aprendizagem com essa alternativa didático-pedagógica, entre outras coisas.

Nas considerações finais, resgatarei as principais ideias e considerações desenvolvidas neste trabalho a fim de responder a hipótese levantada.

CAPÍTULO 1 – O HIP HOP/RAP E ENSINO DE SOCIOLOGIA

Neste capítulo farei uma breve apresentação da cultura Hip Hop e conheceremos alguns autores que trazem reflexões teóricas importantes sobre a temática, além de suas possíveis contribuições para o ensino de Sociologia para jovens estudantes da Educação Básica.

1.1 - Algumas questões teóricas

O Hip Hop é uma manifestação cultural interpretada em termos sociológicos como expressão artística e político-cultural. O Rap é um dos elementos do movimento Hip Hop que abrange diversas manifestações artísticas e que se popularizam como “cultura de rua”⁹. O Hip Hop é composto, atualmente, por cinco elementos: o Rap, o Grafite, o Break, o DJ e, recentemente, foi inserido o Conhecimento¹⁰. Esses elementos só podem ser dissociados em termos analíticos, pois, suas combinações constituem-se num sistema simbólico dirigente das práticas culturais e do comportamento dos integrantes dessa expressão cultural. "Surgido nos anos 70, no bairro do Bronx, em Nova York, o Rap se constituiu como relato da vida dos jovens negros e de outros grupos discriminados" (GUIMARÃES, 1999, p. 39).

O movimento Hip Hop apareceu fortemente na mídia a partir dos anos 1980 e se globalizou ao final desta mesma década, quando também começou a ganhar força no Brasil. Nos estados brasileiros, os primeiros contatos com essa expressão artística acontecem em São Paulo. Segundo Guimarães (1999, p. 39) “esse estilo musical chegou aqui não muito tempo depois de seu aparecimento nos Estados Unidos, trazido por Nelson Triunfo, o Nelsão”. Pernambucano e morando em São Paulo desde 1976, onde teve contato com o Soul e o Funk, criou um grupo de dançarinos, o Funk e Cia. Do Soul passou para o Break e levou o ritmo do Hip Hop para a Praça da Sé e Estação de Metrô São Bento. Como é apresentado também no documentário Marco Zero¹¹.

O Rap é, talvez, o componente mais importante do movimento Hip Hop. A narrativa política e contestadora revela uma fala consistente, onde os principais componentes têm a ver

⁹ O movimento Hip Hop exprime-se por meio da arte e apropria-se das ruas como palco para o fazer artístico (SILVA, 1999, p. 26). Marcado também pelo seu início nos espaços urbanos como praças, estações de metrô, bares, etc.

¹⁰ Tendo como um dos idealizadores o rapper MC Marechal, a batalha do conhecimento consiste em duelos e disputas de rimas que se justificam não só em competições, mas em instigar o processo de criação dos rappers por meio do conhecimento da “realidade” e do contexto sócio-histórico, a fim de explicar fenômenos e tensões sociais. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/batalha-do-conhecimento-usa-hip-hop-como-ferramenta-de-transformacao-social/>. Acesso em: 03/05/2020.

¹¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3uoZ7ztjSDI>. Acesso em: 03/05/2020

com o autoconhecimento incorporado pelos rappers - tendo como matéria-prima a experiência da vida cotidiana nas periferias e as trocas intersubjetivas - fazendo com que a partir da compreensão das ausências deixadas pelo poder público e outros descompassos, narrem de forma poética, percepções da realidade¹².

Dentro do movimento, o gênero musical Rap possui uma ênfase, certa centralidade, mas não uma sobreposição. Para Oliveira (2015, p. 16), “o ideal é pensar o rap como totalidade: como música, como composição textual, como um produto e como uma prática de um tempo e contexto específicos”. Rap é vida, a rua e as narrativas¹³. Essa cultura/música problematiza concepções que traduzem um universo social denso e contraditório, que pode questionar o espaço-tempo do narrador ou não seguir certa temporalidade, retomando questões que atravessam todo processo de conflitos referidos nas composições.

Em linhas gerais, trata-se do rapper referir-se a um contexto específico, ou um problema sócio-histórico. Temas que destacam a vida social, ou seja, as relações de trabalho, habitação, lazer, a obtenção de políticas públicas, a distribuição de renda, e como tudo isso compõe uma maneira específica das classes sociais de integrarem a sociedade.

A linguagem¹⁴ do Rap sobre o social busca tratar como determinados sujeitos compreendem a dimensão da vida material e simbólica. A música, nesse caso, transforma-se muitas vezes em práticas que desfazem qualquer possibilidade de pensar a sociedade de forma harmônica, como lugar do único, do homogêneo, do não conflituoso. Essa é uma relação possível entre o Rap e a perspectiva sociológica, sobretudo em relação ao ensino de Sociologia.

Certas tensões sociais se exprimem no campo da cultura e de como o Brasil foi/é percebido em termos simbólicos em parte das músicas do gênero, que abre espaço para a construção de representações sobre a sociedade brasileira, articulando a narrativa das dores, das visões de mundo, da violência e do racismo. (OLIVEIRA, 2015, p. 27).

Essa concepção dialoga com a proposta das Orientações Curriculares Nacionais de usar os recortes *tema, conceito e teoria* junto ao ensino de Sociologia no Ensino Médio, ao qual pretendo tratar em seguida. Pois, o Rap como “representação da sociedade brasileira”, possibilita estimular o pensamento abstrato junto à “realidade concreta”, como sugerem as OCN (2006) acerca dos conhecimentos da Sociologia. O documento aponta isso no seguinte sentido:

¹² Embora o Rap esteja fortemente assentado nas questões sociais, a realidade social é uma categoria de ampla discussão e análise dentro da Sociologia. A realidade é construída socialmente e a sociologia do conhecimento deve analisar como isso ocorre. Para maior compreensão ver: BEGER, P. e L. LUCKMANN, (1985).

¹³ Trecho da música “Vida longa” do rapper Rincon Sapiência.

¹⁴ O uso do termo linguagem apresentado por Willians refere-se não apenas à expressão do real, mas a uma dimensão do próprio vivido (1979).

As vantagens de se trabalhar com conceitos é que já no ensino médio o aluno vai desenvolver uma capacidade de abstração muito necessária para o desenvolvimento de sua análise da sociedade, e para elevar o conhecimento a um patamar além do senso comum ou das aparências. Um conceito é um elemento do discurso científico que consegue sintetizar as ações sociais para poder explicá-las como uma totalidade. (OCN, 2006, p.118).

Esse conhecimento abstrato é importante, pois, é a habilidade que o estudante desenvolve de materializar situações trazidas pelas músicas e que são semelhantes ao seu cotidiano. Por exemplo, quando é discutido o **conceito** de classe social, articulado ao tema da violência e do racismo, é possível utilizar o Rap fazendo referência também a alguma teoria sociológica para que a compreensão não se banalize (OCN, 2006). Vejamos.

1.2 - Possibilidades didáticas

*Contando os corpos, mas sei que ainda outros virão
Contando os corpos, mas vê quantos nossos que são
Quantos se foram pedindo paz? E assim seguimos sem direção,
Sei que isso é parte de um plano pai, nos acertam só por diversão
Eles nos caçam, eles nos cansam
Em cada enquadro é pra lembrar quem somos
Nunca dão nada além de abandono
Cheios de ódio e nós cheios de sonho
Correndo descalços, eles alcançam
num carro caro que nunca compramos
Eles nos matam, nem tão ligando
F***, só nós nos importamos
Não são crianças com medo do escuro
É gente grande com ódio do escuro
Trancado em casa se sente seguro
Banhos de sangue sem fé no futuro
Tão contando voto, né? Cheios de sangue nas mãos
Somos só negócios, né? E sabe que outros virão.¹⁵*

¹⁵ Trecho da música Lei Rua Neles escrita e reproduzida pelo rapper Akira Presidente. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=rzA_jXd3gM8. Acesso em: 04/09/2020.



Fonte: Jornal do SBT (2017)

Para além de exemplos, o trecho e a imagem acima são temas geradores¹⁶ sobre violência e racismo, conteúdos trabalhados pelas Ciências Sociais. A partir disso, podemos, por exemplo, discutir com os estudantes porque a violência policial é mais alta nos bairros periféricos¹⁷; a taxa de homicídio é mais alta entre homens negros¹⁸; o encarceramento em massa¹⁹; por que determinados conflitos sociais incidem sobre essa população; discutir raça como uma construção social decorrente do processo de escravização e colonização dos povos; abordar tipos de violência como a simbólica, pois a Sociologia preocupa-se com a análise de todas as formas de violência para poder dar uma explicação ampla do fenômeno. Como forma de explicar a realidade estruturada na Sociologia, confrontamo-nos com as interpretações do senso comum, tentando dar conta das razões que a produziram e da sua (re)produção.

A partir do uso desse recurso didático, para justificar tal possibilidade com o tema da violência e do racismo, poderíamos apresentar a letra da música, e, na sequência, o (a) professor (a) poderia usar o conceito de ideologia para dar continuidade à aula,

¹⁶ Por “temas geradores” compreendemos os temas extraídos dialogicamente do universo temático dos educandos em forma de problematização, existindo neles, produto da relação deles com o mundo e que “brotam” justamente do mundo vivido dos homens (BODART, 2020; FREIRE, 2019).

¹⁷ Ver RIVEIRO, Patrícia – **Segregação urbana e distribuição da violência: Homicídios georreferenciados no município do Rio de Janeiro**. DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social - Vol. 3 – n.9 - JUL/AGO/SET 2010 - pp. 117-142.

¹⁸ Consultar o atlas da violência elaborado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/>. Acesso em: 04/08/2020.

¹⁹ A música **Diário de um detento**, do grupo Racionais Mc's, é referência para discussão desse assunto. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=MZzl8qYF_qY. Acesso em 04/09/2020.

compreendendo ideologia como “um corpo explicativo, de representações e práticas (normas, regras e preceitos) de caráter prescritivo, normativo, regulador” (CHAUI, 1980, p.113).

Entretanto, é preciso considerar a hipótese de que algumas outras interpretações (visões de mundo) também apareceriam nos questionamentos dos estudantes. Muitos desses jovens residem em bairros periféricos e/ou acessam alguns relatos por meio das redes sociais, mídias alternativas, telejornais e até mesmo experimentam as consequências da violência como na foto acima. Surgindo tais discussões, teríamos o gancho ideal para desnaturalizar/discutir as interpretações trazidas pelos mesmos.

Dentro da explicação, poderiam ser usadas três linhas teóricas, as clássicas, para ser objetivo. A compreensiva-explicativa de Max Weber (1864-1920), na qual o Estado detém o monopólio da força²⁰, e, dessa forma, o Estado estaria agindo dentro da legalidade, operando no controle de conflitos e do desenvolvimento da sociedade capitalista que, por sua complexidade, exige uma administração racional e burocrática. A funcionalista de Émile Durkheim (1858-1917), onde em linhas gerais o Estado seria uma instituição com função de organizar a vida social, garantindo direitos individuais e coletivos, conduzindo a sociedade ao equilíbrio. E a materialista-dialética de Karl Marx (1818-1883), onde o capitalismo seria um sistema político-econômico contraditório por concentrar riqueza e, por isso, seria conflituoso. O Estado para ele é essencialmente classista, ou seja, representante de uma classe social, no caso, a burguesia²¹. A força policial e militar seriam, então, aparelhos de defesa da classe dominante sobre a classe trabalhadora, para que essa não promova transformações ou rupturas com a ordem capitalista.

Contudo, é necessário compreender os limites dessas teorias e que podem existir alguns “vazios teóricos”, dado o contexto que cada autor formulou sua teoria. Isto é:

Fenômenos de que suas teorias não dão conta, quer pela inexistência de tais fenômenos na época, quer pelos limites da própria teoria. Como se sabe, as teorias respondem aos problemas de sua época, e os autores dialogam com seu tempo (OCN, 2006, p. 116).

Sendo assim, são apenas reflexões sobre os recortes oferecidos a partir de casos concretos (trazidos pelo Rap), e não constituem em si uma recomendação programática para o docente. As possibilidades de temas, letras e outros recursos, são amplas. Mas, ao trazer esse exemplo, foi possível trabalhar *temas, conceitos e teorias* de acordo com a proposta das OCN,

²⁰ O Sociólogo alemão Max Weber, defende essa ideia, principalmente, em sua obra **Economia e sociedade** (1999).

²¹ Compreender o contexto dos conceitos é fundamental para que os alunos tenham compreensão da construção histórica do seu uso. O conceito de burguesia na idade média, por exemplo, tinha outro entendimento, bem diferente da compreensão que possui hoje.

relacionando o Rap aos conteúdos sociológicos e à realidade dos estudantes. As possibilidades do seu uso e os temas que o Rap discute são inúmeros.

Outro tema presente nas composições no Rap, recorrentemente, são as desigualdades sociais. O modo como a vida social é experimentada empírica ou analiticamente pelos rappers, serve de “inspiração” e influencia o processo criativo das letras que oferecem uma tentativa de representar e consubstanciar o cotidiano nas periferias.

*Pobreza, pobreza, um certo dia vi ela
Quando passei na viela, cruzando pela favela
Pobreza, pobreza, é conviver com a nojeira
Morar em área de risco e dormir ao som da goteira
[...] Onde o dinheiro não rola, chinelo gastando sola
Levando quase uma hora até chegar na escola
“Tranpando” desde criança e sonhando em ter uma tv
Um sonho realizado, mas morreu sem aprender ler
Criança não “trabaia” criança dá “trabaio”
Maioridade penal eles querem a redução “caraio”
[...] Educação é negada, jogaram as sementes
A terra foi regada, brotaram os indigentes
Pra resolver geladeira vazia tão enchendo o pente...²²*



Fonte: GEOUSP (2011).

Faz-se alusão aqui, tanto na letra quanto na imagem, ainda que parcialmente, à estratificação social e à estrutura social. Mas, sendo o Rap um recurso que possibilita múltiplas abordagens, poderiam ser exploradas várias outras temáticas sociológicas como

²² Música “Ostentação a pobreza” do rapper Rincôn Sapiência. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=44UAQevMfCg>. Acessado em: 23/09/2020.

mobilidade social, formas de estratificação; tipos de desigualdades referentes à classe, raça, gênero, região; pobreza; trabalho infantil; educação; habitação; lazer e etc.

A **estratificação social** diz respeito ao modo como a sociedade está dividida. São “camadas” que estabelecem uma classificação social. Na sociedade capitalista, a posição que cada indivíduo ocupa, define quem vai ter mais ou menos acesso a direitos e recursos.

A **estrutura social** é estabelecida pelo modo como se organizam os aspectos culturais, sociais, políticos, econômicos e históricos de uma sociedade. É através da investigação dessa estrutura que as Ciências Sociais buscam explicações para os fenômenos que tenta compreender. A sociedade brasileira fundou-se sobre as bases do trabalho escravo e posteriormente das classes oprimidas, ou seja, a classe trabalhadora, grupos que majoritariamente estão “excluídos” dos processos de decisão da gestão e gerência da própria cidadania²³.

A relação entre composição e imagem refere-se às vivências atreladas a processos sócio-históricos de opressão. Segundo Oliveira (2015):

Ao exprimir em termos poéticos o significado de suas experiências e a de seus iguais (negros, pobres, favelados, periféricos), produziram um relato em que elas emergiram associadas à exploração [...] a condição de exploração tem lastro histórico, o grupo social do qual provém continua como um estrato social explorado e em desvantagem quando o assunto é a divisão das riquezas produzidas socialmente (OLIVEIRA, p. 120-121).

Os Raps escolhidos não são invenções, exageros ou ficção. Os rappers falam como sujeitos inseridos na sociedade se posicionando contra a ordem social vigente. Problematizar as vivências é fundamental, mas nunca como transposição inegável da realidade para o campo artístico/musical. Os rappers criam representações do real. O Rap consubstancia elementos contraditórios para se pensar a realidade. Portanto, referem-se a “representações da realidade social”, sobretudo das classes populares e de como essa música/cultura consegue expressar uma leitura da vida social. “É só você olhar pra periferia, pra favelização, que você vai entender que existe luta de classes, entendeu?”²⁴.

A intervenção do Rapper Eduardo Facção condensa a **estrutura** e a **estratificação social**, possibilitando uma explicação dentre muitas, a partir da abordagem da teoria sociológica Marxista como forma de explicar o conceito de luta de classes, tendo como tema

²³ Para uma compreensão mais aprofundada sobre cidadania como “fenômeno complexo e historicamente definido” como aponta o próprio autor ver: CARVALHO (2002).

²⁴ Carlos Eduardo Taddeo – conhecido como Eduardo Facção – em entrevista à Ferréz, no bar do Saldanha, em São Paulo. Exibida no dia 10 dezembro de 2008 no programa *Manos e Minas* da TV Cultura.

as desigualdades sociais, “partindo de casos concretos – recortes da realidade em que se vive”. (OCN, 2006, p. 120).

Ainda baseado nas Orientações Curriculares Nacionais (2006), o recorte escolhido pelo professor é importante e não pode ser tratado de modo desconectado da realidade em que se apresenta, também não deve ser proposto sem uma articulação com conceitos e teorias que podem explicá-los. “A ideia de *recorte* aqui não significa ‘colcha de retalhos’, nem fragmentos, mas uma perspectiva de abordagem. Viabilizada pela intervenção do professor com auxílio das teorias e conceitos” (p. 121).

Nesse sentido, essa pode ser a assertiva do uso das letras de Rap se constituírem em um recurso didático, pois, esse gênero musical auxilia na abordagem de temas geradores e de conceitos Sociológicos na atividade docente. Reforço a capacidade de criação dos rappers a partir das suas dificuldades e problemas sociais, dos aspectos do seu cotidiano, em diálogo com o social e com as vivências observadas ou experimentadas, o que marcou a sensibilidade do Rap e o seu processo de compor (OLIVEIRA, 2015).

As pessoas envolvidas com essa prática cultural (inclusive os jovens), reconfiguram suas experiências sociais, e promovem “o diálogo entre o social e a consciência social”. O pressuposto é que tanto o Rap quanto a Sociologia, propõem formas explicativas mediante uma dada navegação social, onde se desenrola as representações do vivido.

O Hip Hop surge como ofensiva contra as injustiças impostas pela sociedade capitalista, sobretudo como movimento de resistência no cotidiano de parcela da juventude negra que habita as periferias do país²⁵, funcionando como meio de integração dos jovens e dos temas que o Rap aborda. Essa expressão cultural busca resgatar a autoestima, principalmente dos jovens negros, bem como tenta construir identidades coletivas, através do discurso e da postura dos integrantes do movimento Hip Hop. Essa pode ser considerada outra face do Rap: a construção de uma identidade positiva, a afirmação da negritude com resgates culturais importantes e o enfoque étnico-racial abrindo espaço, inclusive, para trabalhar a lei 10.639/2003 que inclui o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira. Surgem, então, outros temas e conceitos considerados conteúdos sociológicos que são fortemente explorados e pesquisados pelas Ciências Sociais.

Segundo Tella (1999, p. 60), “desde o final dos anos 80, o rap passa a retratar temas que o remetem ao passado da população negra, desde a escravidão até os problemas

²⁵ Para um balanço completo do que se entende por periferia ver: ALVES, G. da A. **A segregação socioespacial na metrópole paulista**. GEOUSP - Espaço e Tempo, São Paulo, Nº 29 - Especial, 2011, pp. 33 – 42.

enfrentados atualmente”. Destacam a importância da cultura negra, das religiões afro-brasileiras; as datas históricas, os líderes, artistas e personalidades negras como Malcom X, Nelson Mandela, Os panteras negras, Ângela Davis, Zumbi, entre outros. Nesse sentido, a música Rap transformou-se em uma forma de resistência e da memória cultural negra.

O rapper Emicida rompeu barreiras e principalmente os padrões da moda e da industrial cultural ao apresentar o desfile da sua grife *Laboratório fantasma*, no São Paulo Fashion Week (SPFW)²⁶, um dos maiores eventos de moda do país. O desfile foi marcado pelo culto à diversidade e a demarcação da “moda Hip Hop” naquele espaço²⁷. O evento foi realizado ao som de uma trilha sonora feita especialmente para o desfile, onde a música, em vários momentos, faz referência às questões discutidas anteriormente por (TELLA, 1999).

*Isso é pra afastar todos os maus espíritos, sai! Axé
[...] Ser livre tem preço num mundo onde preto assusta
Há tempos não pergunto quanto as coisas custa.*

A religião Afro-brasileira e a integração do negro nos espaços de poder se cristalizam conforme apontou o cantor. Em seguida, o rapper exalta as lideranças e personalidades negras, a negritude e a valorização do negro nos locais considerados de pessoas brancas.

*[...] vermelho xangô, fogo, a esperança é álcool,
sonho de Clementina, sonho de Zumbi esse é o sonho de Malcom
[...] o negro é lindo e desde o Jorge Ben no meu alforje tem,
Filme mais de 100. Pose, Kodak, fuji, Leica
Tudo pra que eu, hoje “regaçasse” igual
[...] fiz com a passarela o que eles fez com a cadeia e com a favela, enchi de preto.²⁸*



²⁶ Para data e ano da realização do evento, fotos, e o desfile na íntegra, ver: <https://www.geledes.org.br/emocionante-estrea-de-emicida-na-spfw/>. Acesso em: 27/09/2020.

²⁷ A moda Hip Hop se coloca como elemento que comunica, identifica, define, demarca e diferencia, mas não atribuindo para si essa demarcação. Para melhor compreensão ver: FONSECA, Ana. G. M. E POSSARI, Lucia. H. (A moda demarcando espaço: o caso da “moda hip hop”. Iara – revista de moda, cultura e arte – São Paulo – v.3. Nº1 ago. 2010).

²⁸ A música e o desfile chamam-se Yasuke. Seu significado e toda sua simbologia estão disponíveis no endereço: <https://www.geledes.org.br/sim-precisamos-falar-sobre-o-desfile-da-lab/>. Acesso em 28/09/2020.

O Rap transforma-se num veículo de construção de identidades, estimulando a formação de uma consciência da História, da Cultura negra e Afro-Brasileira, como está estabelecido na lei 10.639/2003 contribuindo para a desconstrução de padrões estéticos que habitam o imaginário da sociedade. Como versa o rapper Rincon Sapiência “se a coisa tá preta, a coisa tá boa”²⁹. Identidade, cultura, e indústria cultural são outros dos inúmeros temas e conceitos utilizados no ensino de Sociologia.

A proposta de discussão partindo desse enredo música/desfile seria problematizar porque a **indústria cultural** e os meios de comunicação de massa buscam definir padrões - ampliando o debate para a **diversidade cultural**, provocando o estranhamento nos estudantes - seja pela indumentária, pelos aspectos socioculturais discutidos na música ou pela diversidade de modelos que participaram do evento: homens, mulheres, negros, negras, brancos, brancas, cabelos estilo *black power*, entre outros. Provocar o choque cultural e fazer o jovem apreender a relação entre o eu e o outro, além de trabalhar com eles a **alteridade**, são atribuições do ensino da Sociologia no Ensino Médio, quando discute o conceito de **cultura** com os estudantes.

Nessa perspectiva, essas seriam as imbricações entre o Rap e o ensino de Sociologia, sobretudo das composições como explanação do vivido e das Ciências Sociais como campo de estudo científico capaz de investigar, metodologicamente, os diferentes fenômenos sociais, inclusive os abordados nas letras desse gênero musical.

Não pretendo fazer uma reconstrução histórica das origens do Rap³⁰. O que importa menos é o processo de surgimento do Rap e mais como ele contribui para o ensino de conteúdos sociológicos sobre a configuração da sociedade capitalista, das suas múltiplas interpretações e formas explicativas. Vale ressaltar também, a produção regional de Raps com S, pois, a produção musical não se restringe a “cidades-globais”, como RJ e SP. Dado que essa produção é pulverizada e fértil em muitas regiões do país.

Posto isso, é importante frisar como a partir do surgimento do Hip Hop o cotidiano dos jovens brasileiros ganhou um componente de resistência cultural capaz de intervir na

²⁹ Música disponível no endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=FsTTvHoLxEA>. Acesso em: 08/10/2020.

³⁰ Para um balanço a respeito do surgimento do Rap, ver: ANASTÁCIO, Edmilson. S. **Periferia é sempre periferia?** 2005. 254f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2005 e GOMES DA SILVA, José Carlos. **Rap na cidade de São Paulo**. 1998. 258f. Tese (Doutorado em Antropologia). Unicamp, Campinas, 1998.

formação da sua identidade individual, de criar um modo de ser, agir, pensar, dividir vivências e elaborar maneiras de expressar a condição juvenil.

CAPÍTULO 2 – JUVENTUDE, CONDIÇÃO JUVENIL E O CONTEXTO ESCOLAR

Os trabalhos de Bourdieu (1983), Lima Filho (2014), Dayrell (2007, 2002) e Dayrell e Reis (2007) sustentam o uso das categorias “juventudes” e “condição juvenil”. Tendo como base teórica esses autores, busco explicar brevemente um pouco da discussão em torno dessas categorias que não se descolam, mas apresentam certa distinção entre as abordagens a depender da ênfase de cada autor.

Inicialmente é preciso reconhecer as dificuldades existentes na própria categorização da juventude (DAYRELL e REIS, 2007, p.3). Em uma entrevista, Bourdieu (2003), por exemplo, afirma que “juventude é apenas uma palavra” (p. 151), já que a ligação entre idade biológica e idade social é difícil de ser compreendida devido a sua complexidade. É importante considerar que existem, nesse conceito, dimensões simbólicas, históricas, materiais e políticas, nas quais a produção social das juventudes se desenvolve e que precisam ser compreendidas por apresentarem especificidades que as distinguem em grupos sociais heterogêneos.

Sendo assim, Dayrell e Reis (2007) sugerem em seu texto **Juventude e Escola: Reflexões sobre o Ensino de Sociologia no ensino médio**, uma investigação mais densa acerca desses grupos, e a compreensão de que a(s) juventude (s):

Ganha contornos próprios em contextos históricos, sociais e culturais distintos, e é marcada pela diversidade nas condições sociais (origem de classe, por exemplo), culturais (etnias, identidades religiosas, valores, etc.), de gênero e, até mesmo, geográficas, dentre outros aspectos. Além de ser marcada pela diversidade, a juventude é uma categoria dinâmica, transformando-se de acordo com as mutações sociais que vêm ocorrendo ao longo da história (DAYRELL; REIS, 2007, p. 3).

Desse modo, é preciso ter cuidado ao definir os jovens como unidade, como se esses integrassem um grupo definido pelos mesmos problemas e características. Compreendo que nem todos se identificam com o Rap, por exemplo. Precisamos considerar que são jovens entre 15 e 17 anos, faixa etária em que, geralmente, integram o Ensino Médio e que a idade, somente, não define o gosto por uma determinada arte. Suas sociabilidades são diversas e possuem identificações e demandas distintas, justamente, devido à complexidade das redes de relações formadoras de culturas, valores, afetos, predileções políticas, estilos de vida, dentre outras diferenças e marcadores sociais.

É nessa perspectiva que Dayrell e Reis (2007) trabalham com a ideia de “condição juvenil”, pois acreditam se tratar de um conceito mais adequado. A distinção preliminar entre

a análise desses autores e o a entrevista de Pierre Bourdieu, está na ênfase que cada um deu as suas análises. Bourdieu, por exemplo, aborda da seguinte forma:

O que quero lembrar é simplesmente que a juventude e a velhice não são dados, mas construídos socialmente na luta entre os jovens e os velhos. As relações entre idade social e a idade biológica são muito complexas [...] a idade é um dado biológico socialmente manipulado e manipulável; e que o fato de falar de jovens como se fossem uma unidade social, um grupo dotado de interesses comuns já constitui uma manipulação evidente [...] seria preciso pelo menos analisar as diferenças entre as duas juventudes (BOURDIEU, 1983, p.2).

O autor reconhece a necessidade de maior aprofundamento no objeto de investigação. O ideal é compreender as diferenças entre elas, principalmente referente à diversidade que constituem a dinâmica social juvenil e às redes de socialização e sociabilidade deles. Pois, todas as instituições sociais influenciam na construção da identidade do indivíduo e do “ser jovem”. Entretanto, Bourdieu, Dayrell e Reis concordam que a juventude é uma categoria socialmente construída.

Nessa perspectiva, Dayrell e Reis analisam as diferenças propostas por Bourdieu, utilizando categorias de análise a fim de tornar mais claro a compreensão de juventude. Os autores, ao usarem a ideia de condição juvenil, aludem ao radical da palavra, “do latim *conditio*, refere-se à maneira de ser, a posição de alguém perante a vida, perante a sociedade” (2007, p. 3). A análise a qual Bourdieu sugere aprofundamento é explorada por Dayrell e Reis (2007) no seguinte sentido:

a) Refere-se ao modo como uma sociedade constitui e atribui significado a esse momento do ciclo da vida, no contexto de uma dimensão histórico geracional. b) mas também à sua situação, ou seja, o modo como tal condição é vivida a partir de diversos recortes referidos às diferenças sociais – classe, gênero, etnia, etc. (DAYRELL; REIS, 2007, p. 3).

Segundo Dayrell e Reis, a condição juvenil no Brasil manifesta-se nas mais variadas dimensões e passa por profundas mutações, afetada pelas instituições e seus processos de socialização. Questões como o trabalho, culturas juvenis, contextos, relação espaço-tempo, mudanças no processo de socialização, são alguns aspectos centrais na investigação da condição juvenil. Vale ressaltar que o texto mencionado anteriormente sobre Juventude e Escola (duas categorias de análise dos autores), onde os mesmos examinam a dinâmica juvenil no contexto escolar, também é defendida por Lima Filho (2014), quando diz que a Sociologia precisa tratar a juventude dentro dessa múltipla dimensão “[...] a escola é uma instituição estratégica demais para tal realização” (p.107).

Assim sendo, Dayrell (2007), Dayrell e Reis (2007) e Lima Filho (2014), debruçaram seus estudos sobre juventudes como sugeriu Bourdieu, para campos específicos como os

sujeitos jovens e a Escola. Lima Filho (2014) afirma que “A Escola é um espaço privilegiado de sociabilidade juvenil, onde indivíduos passam considerável parte de seu tempo cotidiano e durante um longo período de vida” (p. 107). A condição juvenil deve ser compreendida como uma rede estratificada de trocas simbólicas e de necessidades materiais integrantes da sociabilidade entre os jovens.

As culturas juvenis aparecem como espaços de práticas ou representações, símbolos e signos no qual os jovens procuram estabelecer uma identidade juvenil. Eles estabelecem culturas e relações de proximidade que lhes definem como jovens. O estilo musical Rap pode ser um elemento de conexão entre eles, por exemplo, seus pares e sua realidade. Porém, eles buscam visibilidade por meio dos mais variados estilos de vida³¹, que tem no corpo e na sua estética uma das suas marcas específico-representativas. Para exemplificar, os jovens ouvintes do Rap costumam usar roupas largas, camisas de líderes revolucionários, como Malcolm X, Martin Luther King, Panteras Negras e etc., marcas e sinais que traduzem sua personalidade e a demarcação de uma identidade socialmente construída.

A **Sociabilidade** “tende a ocorrer em um fluxo cotidiano, seja no intervalo entre as obrigações, o ir-e-vir da escola ou do trabalho” (DAYRELL e REIS, 2007, p. 6). Para além do espaço escolar, o trânsito pelo bairro ou pela cidade também configuram construções da vivência juvenil, transformando os espaços físicos em espaços do fluir da vida social. Praças, ruas, espaços culturais, tornam-se ambientes de construção e afirmação da identidade desses jovens. Podemos dizer que a condição juvenil, além de ser socialmente construída, tem também uma configuração espacial, (PAIS, 1993). Acontece em diferentes espaços de convívio, que se desenvolvem nos grupos de pares, de preferência, nos espaços e tempos do lazer e diversão, mas também presente nos ambientes institucionais como a Escola, a família, e até o trabalho, pois a maioria deles trabalha, visto que, só assim, podem vivenciar a própria condição juvenil, garantindo recursos para a diversão, namoro ou consumo³². Mas, segundo Dayrell e Reis

Isso não significa necessariamente, o abandono da Escola, apesar de esse fator influenciar no seu percurso escolar. [...] para os jovens a escola e o trabalho são projetos que se superpõem ou poderão sofrer ênfases diversas de acordo com o momento do ciclo da vida e as condições sociais que lhes permitem viver a condição juvenil (DAYRELL; REIS, 2007, p.4).

³¹ Na apreciação de Giddens (2002), estilo de vida é entendido “como um conjunto mais ou menos integrado de práticas que um indivíduo adere, não só porque essas práticas preenchem necessidades utilitárias, mas porque dão forma material a uma narrativa particular de auto-identidade” (p. 79).

³² No Brasil, 44% dos estudantes entre 15 e 16 anos trabalham. Disponível em <https://educacao.uol.com.br/noticias/2017/04/19/no-brasil-44-dos-estudantes-de-15-e-16-anos-trabalham-mostrando-ranking.htm>. Acesso em 10/08/2020.

Essa tensão supõe que o **trabalho** também faz a juventude. Uma vez que nas classes populares é necessário exercer alguma atividade que possibilite o gozo da sua condição de jovem conciliando trabalho e Escola. Nos estratos superiores das classes, a dinâmica social parece ser diferente³³. O Mundo é diferente *da ponte pra cá*³⁴.

Desse modo, ainda nessa dualidade entre trabalho e Escola, constitutivas da condição juvenil, em outra pesquisa intitulada “**O rap e o funk na socialização da juventude**”, Dayrell (2002) analisa três grupos de Rap e três duplas de Funk, onde busca compreender como eles elaboram as suas vivências em torno da identificação com os estilos, os significados que atribuem a eles no contexto social onde se inserem como jovens pobres. O autor apresenta as dificuldades da relação trabalho x Escola no relato de dois dos entrevistados:

A época do lava-jato foi a época que eu mais tinha condição. Eu ganhava super pouco, eu fazia a feira de casa, eu comprava o frango, entendeu, eu tinha a minha roupa, eu bebia, eu namorava... lá a gente ralava sábado, entendeu, sábado tinha vez que eu saía oito horas de lá, meu. Chegava em casa, deitava no tapete do meu quarto, todo sujo de graxa. Dormia até umas nove horas, tomava banho, jantava, ia pra rua. [...] chegava e encontrava no Vilarinho com a turma, aí a gente dançava pra “caraca”... (Nilson, 26 anos, rapper) (DAYRELL, 2002, p. 122).

O relato do entrevistado reforça que é o trabalho que possibilita a condição juvenil. Em seguida, o autor aborda que significados esses jovens atribuem à Escola: “Para aqueles que ainda estudam, a Escola aparece como uma instituição distante e pouco significativa”:

Antes eu não gostava da escola de jeito nenhum... Agora, tipo assim, eu tive que gostar porque é uma coisa que eu dependo dela, tipo assim, eu aprendi a gostar porque eu sei que eu preciso... Mas se desse pra viver sem escola eu preferia viver sem escola... (Flavinho, 17 anos, funkeiro) (DAYRELL, 2002, p. 122).

Embora exista grande dificuldade para conciliar trabalho e Escola entre a maioria dos jovens, não podemos tomar apenas duas entrevistas como o todo da juventude brasileira, mas como representação da vida social dos jovens que trabalham e ao mesmo tempo estudam³⁵, tendo que, em determinados contextos, sobrepor um ao outro buscando condições que lhes garantam alguma qualidade de vida e satisfação, como apontaram Dayrell (2002) e

³³ No Enem, 1 a cada 4 alunos de classe média consegue ficar entre os melhores. Pobres são 1 a cada 600. Disponível em: <https://www.institutodeengenharia.org.br/site/2019/11/08/no-enem-1-a-cada-4-alunos-de-classe-media-triunfa-pobres-sao-1-a-cada-600-iejn/>. Acesso em 10/08/2020.

³⁴ Canção do grupo Racionais Mc's, na qual os rapper's fazem críticas às disparidades socioeconômicas e as desigualdades de oportunidades. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HIHN8VSIRwE&list=PLsJSiqRn4SBxsuKC2ilV8w4ytsSBcS4I>. Acesso em: 12/08/2020.

³⁵ Como já foi apresentado nesse trabalho, no Brasil, 44% dos estudantes de 15 a 16 anos trabalham.

Dayrell e Reis (2007). A escola se coloca como “desprazer necessário” para alcançar certos postos no mercado de trabalho, quando não optam pela evasão ou abandono total da mesma³⁶.

Para Dayrell (2002), é possível perceber alguns fatores que explicam a adesão pelo estilo Rap e o significado que esse gênero musical desempenha na vida desses jovens. O lugar social que ocupam, os conhecimentos a que têm acesso, as poucas exigências do Rap para a produção cultural³⁷, a identidade com o ritmo e as temáticas abordadas pelo estilo, dentre outros, são etapas e caminhos que constituem o processo de inserção e pertencimento ao movimento Hip Hop.

Toda essa complexidade das dimensões da condição juvenil se conecta às **mutações dos processos de socialização** nas instituições sociais causando desacordos entre as gerações. De acordo com Dayrell e Reis (2007)

Os valores e comportamentos apreendidos no âmbito da família, por exemplo, são confrontados com outros valores e modos de vida percebidos no âmbito do grupo de pares, da escola, das mídias, etc. [...] universos sociais variados, ampliando os universos sociais de referência (DAYRELL; REIS, 2007, p. 8).

Como investiga Dayrell (2007) em seu texto “**A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil**”, o jovem vivencia uma tensão na maneira como se constrói como sujeito nesses espaços que tem dinâmicas sociais diferentes. Ser jovem nos espaços onde vivem com a família, no bairro onde moram, com os amigos, etc., entra em conflito com ser aluno no ambiente escolar, uma atmosfera marcada por outros tipos de regras, compromissos, horários, e que os iguala sem levar em conta sua condição juvenil. Uma dupla condição que muitas vezes é difícil de ser articulada devido a essa dispersão da sociabilidade juvenil em variadas instâncias socializadoras.

Como pode ser visto, a socialização juvenil ocorre em múltiplos **espaços-tempos**, condicionados pelo espaço onde são construídos, transformando-se em lugar, o fluir da vida, e a Escola como um desses espaços, precisa ouvir esses jovens. Perceber que eles têm necessidades próprias. Inclusive, parece que é isso que os jovens querem dizer, que não querem ser tratados como unidade social. Mas, sim, aceitos nas suas especificidades, o que resulta serem reconhecidos como jovens na sua diversidade. É preciso superar esse olhar homogeneizante tanto da comunidade escolar, quanto do imaginário social sobre a noção de

³⁶ Dados sobre evasão escolar de jovens com idade entre 14 e 29 anos, segundo IBGE, no ano de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/07/15/ibge-mede-o-problema-nacional-da-evasao-escolar.ghtml>. Acesso em 11/08/2020.

³⁷ Diferente de outras expressões artísticas, o Hip Hop/Rap exige apenas caixas de som e microfone na maioria dos casos. O elemento fundamental é a rima, a batida (flow ou beats), identificação com o ritmo, os encontros entre os amigos, o compromisso social na elaboração das composições e etc.

juventudes como “etapa” ou “fase” da vida, um período (Lima Filho, 2014). Esse parece ser o motivo pelo qual alguns autores preferem o uso de “juventudes” e/ou “condição juvenil”. As expressões culturais, simbólicas e matérias juvenis envolvem práticas, saberes e organizações que se articulam na vivência do que é “ser jovem”.

O desafio posto aos jovens é de serem “mestres” da sua identidade e das suas experiências sociais. É nesse sentido que, mais uma vez, o Rap e o Ensino de Sociologia podem dialogar. As Ciências Sociais tem muito a colaborar, principalmente no preparo e ampliação da práxis sociológica desses jovens. Um possível caminho está apontado nas OCN, quando justificam a ênfase na desnaturalização e no estranhamento como eixos articuladores dos conteúdos (MEC, 2006). Como também sugerem Dayrell e Reis (2007):

Significa fornecer ao jovem aluno recursos e instrumentos, por meio dos conteúdos Sociológicos, que lhe treinem o olhar Sociológico, aliado à imaginação Sociológica de tal forma a possibilitar uma compreensão mais ampla da realidade. Mas também é preciso contribuir para que os jovens alunos se percebam como seres culturais, membros de determinado grupo social, com uma tradição própria, legítima, que lhe dê referência, reconhecendo e valorizando as suas origens socioculturais, principalmente no caso dos negros [...] Desenvolver a sensibilidade pela diferença, exercitando assim, a convivência e o respeito pelo outro (DAYRELL; REIS, 2007, p. 12).

Nesse sentido, evidencia-se que o “jovem aluno” e suas vivências se colocam como núcleo do processo educativo, ponto inicial e de contínua mediação do ensino da Sociologia com os conceitos e teorias sociológicas.

Dessa forma, Pimentel (1999, p. 108) aponta que “o Rap pode servir aos educadores como forma de penetrar no imaginário dos alunos” e descobrir as razões que geram a atual falta interesse pelo ensino, para então desenvolver estratégias que recuperem o papel da instituição educativa como palco de uma verdadeira educação, pautada no diálogo – que pressupõe ação e reação de estudantes e professores.

É nesse contexto que podemos observar e identificar, também, a construção de um *habitus* gerado através das trocas entre as adesões, recusas e conflitos dos grupos sociais formados por essa complexa rede de sociabilidades. Apresentarei, no terceiro capítulo um pouco mais dessas características distintivas entre gostos e estilos, sobretudo dentro do movimento Hip Hop e dos adeptos do gênero musical Rap, relacionando com o espaço escolar, local onde essas práticas também acontecem.

CAPÍTULO 3 – O *HABITUS* DO MOVIMENTO HIP HOP

Toda adesão a determinado estilo de vida traz a reboque regras, valores, comportamentos, sentimentos, formas de ser, agir, pensar e, como interpretou Geertz (1978), uma teia de significados. São esses elementos que organizam condutas e atitudes dos jovens integrantes da cultura Hip Hop. Constroem a partir desse contato, sua vivência e interação com o mundo, internalizando e externalizando maneiras próprias de relação com outros indivíduos.

Tendo como gênese a cultura negra de bairros pobres e outros elementos, o Hip Hop cria uma linguagem própria, seja ela visual, gestual, falada ou simbólica, compreendida pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu (2007) como *habitus*³⁸. Conceito fortemente usado na Sociologia onde a configuração cultural como processo e construção, é mediada pela coexistência de diferentes esferas socializadoras que convivem em relações mútuas. Sendo assim, é criado, neste caso, um sistema de disposições que o indivíduo incorpora, utilizando o movimento Hip Hop como referência sociocultural. A leitura de sociedade dessa organização cultural parece ser o que constrói a identificação dos jovens com seu modo de ser, agir e pensar. Há um conjunto de práticas, costumes, culturas e formas de interação com o mundo social que constroem um *habitus* nos adeptos dessa expressão cultural.

São muitas as possibilidades do primeiro contato dos jovens com esse gênero musical. Pois, como aponta Lima Filho (2014, p. 107), “o jovem é por excelência, um sujeito social vinculado a estilos de vida”. São modos de navegação social empregados por eles (mesmo por não jovens³⁹), no seu cotidiano. O autor, no texto “**Culturas juvenis e agrupamentos na escola: entre adesões e conflitos**”, analisa agrupamentos e a vivência das culturas juvenis no espaço escolar. O autor argumenta que:

Na escola, em geral, existem agrupamentos que se organizam por meio de vários catalisadores [...] Cada um desses agrupamentos é a expressão de um estilo de vida específico e, como tal, traz consigo um conjunto de códigos simbólicos estruturados a partir de valores fundamentais e regras de comportamento. Afinal, cada estilo de vida tem conteúdo próprio que o difere dos demais [...] Há um modo de pensar e a

³⁸ A categoria *habitus*, aqui, tem o objetivo de explicar particularidades de um determinado grupo social, suas características, interações, costumes e etc., Não entra numa questão mais teórica, conceitual e histórica. Para maior compreensão, ver os trabalhos de LAHIRE (1997, 1998, 1999); DUBAR (2000) e DUBET (1996).

³⁹ Trabalho neste capítulo com jovens entre 15 e 17 anos, em processo de adesão ao movimento e construção da sua identidade. Mas, falar em juventude não quer dizer falar de uma faixa etária definida, mas de um processo social mais complexo, que envolve a adesão a uma estética ou mesmo a um estilo de vida. Pensar a juventude como uma categoria complexa não exclui a dimensão etária, apenas acrescenta outras camadas e outros significados, (FILHO, 2014).

expressão disso em gestos e posturas; em ideias e atitudes (LIMA FILHO, 2014, p. 108).

No caso do movimento Hip Hop, o jovem para ser um “Hip Hopper/Rapper” ou integrar o grupo que consome essa expressão cultural, precisa estar de acordo com o que os já integrantes do grupo pensam sobre ser alguém que está de acordo com as regras. Nesse sentido, o autor argumenta que fala-se em estilo de vida por adesão. O sujeito entra em contato com o estilo de vida “Hip Hop/Rap” em algum momento da sua existência e, por meio de um sistema de concordâncias, vai desenvolvendo alianças que resultam na adesão.

O jovem que adere à cultura Hip Hop, pode ser incluído ou excluído a partir de diversos tipos de códigos e comportamentos expressos nessa cultura. Os mais visíveis são os estéticos: uso de roupas, cortes de cabelo, bonés, marcas distintivas como piercings, tatuagens, adereços, elementos de linguagem como gírias, gestos, símbolos. E os códigos simbólicos: sentimentos de pertencimento, significado, necessidade de distinção e diferenciação e etc.

Aderir a um estilo de vida não é tarefa fácil. Isso se torna deveras complexo, pois, como já discutido anteriormente, o jovem é socializado numa realidade composta por diversas instituições e/ou atividades sociais – a família, a escola, a religião, a mídia, os grupos de amigos, etc., possuem diferentes níveis de envolvimento e, ao mesmo tempo, um alto grau de expectativas a serem correspondidas. Nesse sentido, há uma vigilância subjetiva (o sujeito cobra responsabilidade a si próprio em relação à fidelidade aos códigos e símbolos) e uma cobrança intersubjetiva (os integrantes do movimento aprovam e desaprovam atitudes e condutas). O Rap é compromisso⁴⁰.

Todavia, ninguém é o mesmo ou a mesma em todos os espaços. Talvez essa seja a maior dificuldade de sustentar certos comportamentos e uma identidade social em determinados lugares. Setton (2002) nos auxilia a pensar um pouco o conceito de *habitus* nessa relação. Nas palavras da autora:

Concebo o conceito de *habitus* como um instrumento conceptual que me auxilia pensar a relação, a mediação entre os condicionamentos sociais exteriores e a subjetividade dos sujeitos. Trata-se de um conceito que, embora seja visto como um sistema engendrado no passado e orientando para uma ação no presente, ainda é um sistema em constante reformulação. *habitus* não é destino. *habitus* é uma noção que me auxilia a pensar as características de uma identidade social, de uma experiência biográfica, um sistema de orientação ora consciente ora inconsciente. *habitus* como uma matriz cultural que predis põe os indivíduos a fazerem suas escolhas [...] creio

⁴⁰ Música do rapper Sabotagem onde o mesmo cobra dos integrantes desse estilo de vida, comprometimento com os fundamentos do Hip Hop.

que a teoria do *habitus* me habilita a pensar o processo de constituição das identidades sociais no mundo contemporâneo (SETTON, 2002, p. 61).

A autora nos ajuda a fundamentar a compreensão do *habitus* existente no movimento Hip Hop, a pensar suas particularidades para além dos muros da escola, pois, *habitus* é convívio. Um processo de interiorização e exteriorização das escolhas feitas, do “estilo de vida”. E os jovens se relacionam em diferentes espaços, onde, cada qual, os modela na construção da sua identidade. Fora dos muros da escola, os jovens se relacionam com seus pares, muitos até tem a mesma rede de amizades que possuem na instituição educativa. Mas, essa convivência, conta com múltiplas dimensões, espaços e atores. Como já foi discutida, a sociabilidade desses jovens acontece em espaços distintos e fermentam o processo de formação das suas identidades.

É nesse sentido que a escola precisa repensar o caráter homogeneizante que ela quase sempre atribui a esses jovens, invisibilizando sua condição juvenil e a diversidade (étnico-racial, de gênero, de classe, religiosa e etc.). Uma vez dentro do espaço educativo, é esquecida toda discussão trazida neste trabalho e o jovem se transforma em “aluno” como aponta Lima Filho (2014). Tal classificação generalizante tende a igualá-los desconsiderando suas especificidades.

A Escola não só não reconhece tais diferenças, como reprime comportamentos considerados “subversivos”. Dentro do espaço escolar algumas características ou linguagens desses jovens são entendidas como “rebeldia”. “Há sempre jovens tentando, a todo o momento, subverter a ordem [...] Usam camisetas de suas bandas favoritas, por cima ou por baixo da blusa do uniforme; acrescentam lenços e outros adereços; usam bonés” (LIMA FILHO, 2014, p. 112). Segundo o autor, este último, geralmente, é visto como ato de “indisciplina”. Mas, se pensarmos a cultura Hip Hop e seus elementos estéticos e simbólicos, afinal, o que é um Rapper sem um boné, sem seus elementos identificadores e que os diferencia dos demais?!

Situações como essa pressupõem uma falta de identificação dos jovens com a escola, com os conteúdos (e as metodologias, a didática) utilizados nas disciplinas, que aparentam ser distantes, confusas, vagas, abstratas. É nessa perspectiva, que a leitura dos agrupamentos pode contribuir para um currículo escolar próximo da realidade dos estudantes. Utilizo o Hip Hop como movimento sociocultural para tal compreensão, mas, os diversos agrupamentos analisados por Filho (2014), religiosos, culturais, de gênero, étnico-raciais, políticos e etc., precisam do olhar atento da escola, dos professores e da comunidade escolar sobre suas especificidades para construção de uma “mediação pedagógica”, afinada também as suas

expectativas. Devemos utilizar os próprios agrupamentos para oferecer-lhes o estranhamento conforme propõem as OCN (2006), explicando a diversidade cultural como fenômeno social, partindo da realidade dos próprios jovens e tendo o Ensino da Sociologia como elemento de mediação.

Nesse contexto, podemos ressaltar a triangulação feita neste trabalho entre juventudes/condição juvenil, o Rap como recurso didático para ensinar conteúdos sociológicos e o espaço Escolar (mas não somente), como ambiente de intenso convívio entre os jovens.

A presença da Sociologia ou das Ciências Sociais como disciplina do Ensino Médio tem como objetivo oferecer aos estudantes instrumentos para problematização e desnaturalização dos fenômenos sociais e, assim, analisar, identificar e comparar, as diferentes interpretações sobre as vivências. As OCN sugerem que

A Sociologia pode contribuir para a formação do jovem brasileiro: quer aproximando esse jovem de uma linguagem especial que a Sociologia oferece, quer sistematizando os debates em torno de temas de importância dados pela tradição ou pela contemporaneidade. A Sociologia como espaço de realização das Ciências Sociais na escola média, pode oferecer ao aluno, além de informações próprias do campo dessas ciências, resultados das pesquisas as mais diversas, que acabam modificando as concepções de mundo, a economia, a sociedade e o outro, isto é, o diferente – de outra cultura, “tribo”, país, etc. Traz também modos de pensar (Max Weber, 1983) ou a reconstrução e desconstrução de modos de pensar (OCN, 2006, p. 105).

Nesse sentido, o *habitus* do movimento Hip-Hop (e também outras culturas juvenis), pode ser utilizado para compreender as demandas que os jovens trazem de outros espaços e o capital cultural que a escola oferece, buscando compreender que estratégias a instituição educativa pode viabilizar para tornar esse ambiente mais atrativo, onde o estudante tenha prazer, veja sentido e sinta-se acolhido como jovem na sua diversidade. Alguns professores e as gestões escolares não compreendem as diferenças e necessidades dos jovens. Dessa maneira, utilizam um capital cultural próprio, numa lógica educacional de massas, homogeneizante, disciplinadora, com tempos e espaços rígidos e etc. (DAYRELL, 2007).

Segundo Lima Filho (2014) “quando há boa vontade por parte dos professores – os de Sociologia, inclusive – em usar ‘novas’ metodologias ou didáticas para despertar o interesse dos estudantes” cometem o erro de não refletir sobre os diferentes capitais culturais em disputa. O autor argumenta que

Ao levar música para à sala de aula, por exemplo, o professor termina selecionando material culturalmente estabelecido como “de boa qualidade” [...] Em Sociologia, recorrem-se às letras do rock dos anos 1980 ou à poesia profunda da MPB clássica

para introduzir e discutir temas. Esse capital cultural é muito distinto daquele dos alunos, e tal discrepância pode render falta de identificação, de interesse e até antipatia. Os professores, por sua vez, classificam o capital cultural dos jovens – neste caso, o rap, o funk carioca o forró eletrônico do nordeste e vários outros gêneros musicais populares – como algo de “pouco valor” ou mesmo inúteis (LIMA FILHO, 2014, p.113).

Há discussões entre vários autores, alguns deles utilizados neste trabalho, que não é coerente marginalizar os saberes e as culturas que esses jovens trazem de diferentes espaços e compartilham entre si. É justamente essa diversidade que deve ser aproveitada e compreendida para criação de um currículo próximo da realidade deles. Tornando o aprendizado mais significativo e com algum sentido para sua formação como cidadãos.

É possível também, “tomar a própria escola onde o professor trabalha como objeto de estudo e com isso ensinar pesquisas [...] guardando-se os devidos limites quanto a instrumentos, técnicas e resultados” conforme sugerem as OCN (2006, p. 114). Nesse sentido, o professor de Sociologia pode contribuir na elaboração do currículo escolar caso seja executável.

Não só a Escola, mas a Cidade e outros espaços como aponta Dayrell (2007), precisam ser considerados na dimensão educativa dos jovens

Garantindo direito de ir-e-ver, até mesmo a noite, nos finais de semana, o acesso a equipamentos de cultura e lazer, mas, principalmente, transformando o espaço público em espaço de encontro, de estímulo e de ampliação das potencialidades humanas dos jovens, e possibilitando de fato, uma cidadania juvenil (DAYRELL, 2007, p. 1125).

Isso demanda dos professores e da comunidade escolar uma postura de escuta. Da compreensão dos jovens como seres com especificidades, gostos, culturas e maneiras próprias de elaborar e conduzir suas vidas. Devendo talvez esta última, ser, também, uma das contribuições do espaço escolar para com os jovens. A compreensão do *hábitus* do movimento Hip Hop é de grande valor para tal construção, por exemplo.

No capítulo quatro, apresentarei um balanço a partir da análise dos questionários respondidos pelos alunos sobre o que pensam e projetam sobre o elemento Rap como recurso didático para ensinar conteúdos sociológicos. Suas expectativas, experiências e barreiras acerca da utilização dessa ferramenta.

CAPÍTULO 4 – O CAMPO

Havia no planejamento de elaboração desta monografia, o intuito de aplicar um questionário para determinada amostra de alunos do Ensino Médio da Rede Pública Estadual do Rio de Janeiro. Porém, o acesso às escolas da amostra foi dificultado e com o avançar do tempo, acabei optando por uma amostra por conveniência. Além disso, por não estar exercendo a docência, contei com a ajuda do professor e colega do curso a qual está submetida esta monografia, o CESPEB, Carlos Wendel Deplan, docente da Escola Estadual Olga Benário prestes. Lá, no final do ano de 2019, apliquei os questionários para alunos e alunas das turmas de 2º e 3º ano do Ensino Médio. Com a chegada do final deste mesmo ano letivo, quando a maioria dos alunos começa a não ir à Escola (geralmente por aprovação em algumas disciplinas) e a não realização do ano letivo de 2020, decorrente da pandemia por Coronavírus (COVID-19), a coleta de um volume de dados mais significativa ficou inviabilizada. Ao todo, vinte questionários foram aplicados. Um número baixo para realização de tal trabalho, mas que trouxe pistas importantes das expectativas dos alunos do Ensino Médio sobre de uso desse recurso didático nas aulas de Sociologia.

4.1 – O Colégio Estadual Olga Benário Prestes

O Colégio Estadual Olga Benário Prestes está localizado na Zona Norte do Rio de Janeiro, no bairro de Bonsucesso. As informações a seguir foram retiradas do site QEdu e complementadas por um professor de Sociologia colaborador dessa investigação.

Corpo docente

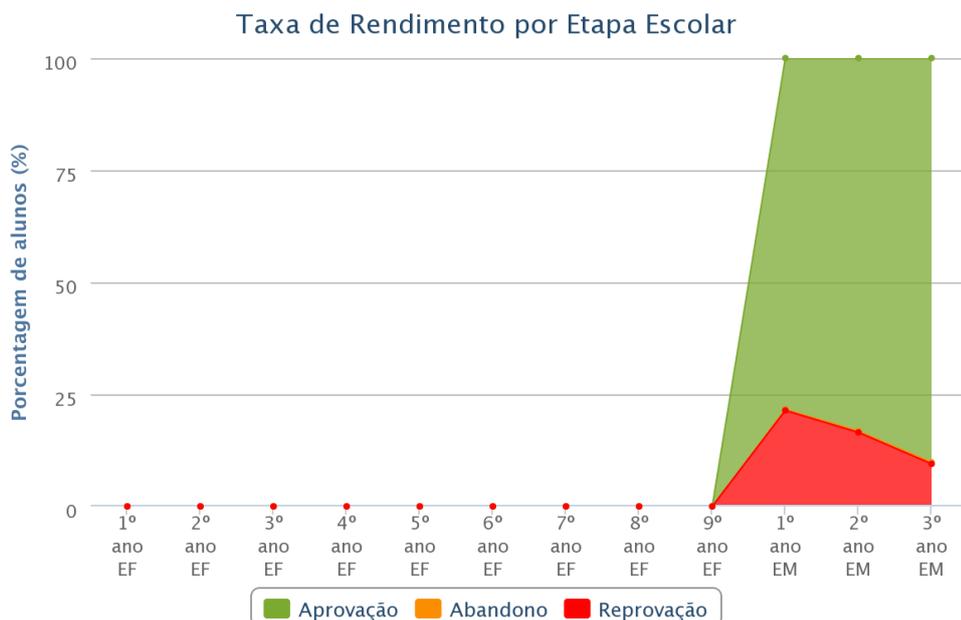
Número de professores	Cerca de 185
Número de professores de Sociologia	10
Formação dos professores de Sociologia	Não informado

Informações gerais

Existem atividades extracurriculares?	Sim. Sala de música, rodas de rima, oficinas de violão, oficinas de Street Dance e danças afro e oficinas de teatro organizadas pelos alunos.
Se sim, quantos alunos participam?	Em média 10 % das turmas (as turmas têm cerca de 40 alunos).
Qual a relação idade série dos alunos?	1º ano: dos 14 aos 15 2º ano: dos 15 aos 17

	3º ano: dos 16 aos 18
Qual índice de reprovação da escola?	21,4% no 1 ano, 16,5% no 2 ano e 9,5% no 3 ano.
Qual índice de complexidade da gestão?	Nível de complexidade de moderado a médio. Sem ocorrências de distúrbios senão ocasionais tais como operações policiais no entorno.
Média dos alunos no Enem?	513,29

TAXA DE RENDIMENTO POR ETAPA ESCOLAR



Highcharts.com

Ensino Médio

	Reprovação	Abandono	Aprovação
1º ano EM	21,4% 177 reprovações	0,2% 2 abandonos	78,4% 647 aprovações
2º ano EM	16,5% 130 reprovações	0,3% 3 abandonos	83,2% 654 aprovações
3º ano EM	9,5% 62 reprovações	0,3% 2 abandonos	90,2% 583 aprovações

Fonte: Censo Escolar 2018, Inep. Classificação não oficial.

Acima de 5%

A situação indica a necessidade de definir estratégias para conter o avanço da evasão escolar.

Acima de 15%

A situação indica que é preciso intervir no trabalho pedagógico o mais rápido possível, pois muitos estudantes poderão ficar fora da escola. Índices altos de reprovação ou abandono escolar também podem aumentar a distorção idade-série.

Fonte: <https://www.qedu.org.br/escola/176736-ce-olga-benario-prestes/taxas-rendimento>. Acesso em: 02/12/2020.

Matrículas

Ensino Médio	2257
Educação de Jovens e Adultos	214
Educação Especial	33

A Escola não possui matrículas na creche, pré-escola, anos iniciais (1º ao 5º ano) nem nos anos finais (6º ao 9º ano).

Matrículas por série

Matrículas 1º ano EM	825
Matrículas 2º ano EM	786
Matrículas 3º ano EM	646

4.2 - Os questionários

Segundo Gil (1999) o questionário pode ser definido como:

A técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc. (GIL, 1999, p. 128).

Os questionários utilizados nessa pesquisa foram elaborados a fim de captar expectativas, opiniões e experiências dos estudantes do Ensino Médio do Colégio Estadual Olga Benário Prestes acerca do Rap como ferramenta didática. O questionário possui perguntas abertas, fechadas e dependentes.

Segundo Chaer, Diniz e Ribeiro (2011, p. 262), chamamos de perguntas abertas “aquelas que permitem liberdade ilimitada de respostas, onde poderá ser utilizada linguagem própria do respondente”. Por questões fechadas, as “perguntas que trarão alternativas específicas para que o informante escolha uma delas”. Sendo assim, restringe a possibilidade de manifestação do interrogado. Já por questões dependentes, aquelas que são respondidas de acordo com a resposta dada em questões anteriores. Se tal resposta exigir uma justificativa, ele a fará. Por exemplo, ao perguntar a um participante da amostra se as aulas de Sociologia seriam mais interessantes se houvesse trabalhos e atividades com Rap em sala de aula, ele poderia responder sim ou não. Nesse caso, ele poderia justificar qualquer uma das possibilidades, como veremos adiante.

Conforme apontou Gil (1999), os questionários têm por finalidade coletar e perceber as opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas e etc., dos estudantes quanto à utilização do Rap nas aulas de Sociologia. As perguntas tratam de

questões como (a) identificação/gosto pela música; (b) se já tiveram experiências com o Rap em sala de aula (c); se as aulas seriam mais interessantes para eles com a utilização desse recurso, entre outras.

A seguir, um esquema de tabelas acerca das respostas dos alunos e alunas que responderam os questionários.

Tabela 1: Perguntas objetivas

Você conhece o gênero musical Rap?	20 de 20 responderam que sim .
Se sim, você costuma ouvi-lo com que frequência?	4 de 20 responderam que sempre ; 10 de 20 responderam que frequentemente ; 4 de 20 responderam que as vezes ; 2 de 20 responderam que raramente .
Já tiveram experiência com Rap em sala de aula?	1 de 20 respondeu que sim , sem justificar sua resposta.
Consegue identificar algum conceito que aprendeu nas aulas de Sociologia quando ouviu Rap? Ex: cultura, política, cidadania...	20 dos 20 responderam que sim .
Qual atividade cultural você mais gosta e se identifica?	Dentre música, cinema, dança, teatro e “outro”, 18 de 20 responderam música , 1 de 20 respondeu dança e 1 de 20 respondeu cinema .

Tabela 2: Perguntas dependentes

Em sua opinião, as aulas de Sociologia seriam mais interessantes se houvesse trabalhos e atividades com Rap?	18 dos 20 responderam que sim . Entre as respostas estão: “- A música está presente sempre em nosso cotidiano, e o Rap é um estilo musical para conscientizar e refletir sobre a realidade”. “- Sim, porque seria algo diferente que chamaria a atenção dos alunos”. “- Porque me faria ter mais interesse na aula”. “- Seria uma forma de o aluno entender melhor a matéria, através da música”. “- Sim, pois o Rap como outro estilo musical brasileiro é um meio cultural, ainda mais o rap que vem direto em benefício do pobre”. “- Cultura, política, etc.”. “- Porque seria muito mais fácil interagir com a turma”. “- Algo novo para as aulas de Sociologia acho que seria interessante”.
--	---

	<p>“- Acho que seria uma boa forma para entender a matéria”.</p> <p>“- Seria muito interessante, as aulas seriam mais animadas e o alunos iriam participar mais”.</p> <p>“- o Rap fala da realidade, a Sociologia também, acho que daria pra entender melhor a matéria”.</p> <p>“- Pô (sic), ia ser maneiro, uma aula diferente das que a gente tem. Acho que eu aprenderia melhor porque tem umas coisas que eu ainda não peguei legal”.</p> <p>“- Sim, tem muito Rap que eu ouço que me lembram das aulas de Sociologia. Acho que geral ia participar mais”.</p> <p>“- O Rap fala do nosso cotidiano e a Sociologia explica o cotidiano de forma diferente da que a gente vê. De repente seria uma coisa pra conectar os dois”.</p> <p>“- Acho que os alunos se interessariam mais, seria algo diferente das aulas que a gente tem”.</p> <p>“- Seria legal, as aulas às vezes são chatas, uma coisa diferente às vezes é bom, ainda mais rap que geral gosta”.</p> <p>“- Eu acho que seria maneiro. Quando o professor usa coisas diferentes sempre deixa as aulas mais interessantes”.</p> <p>“-(...) porque a gente ia entender a matéria com uma coisa que a gente gosta”.</p>
	<p>2 dos 20 responderam que não, entre as respostas estão:</p> <p>“- Pelo fato de que não seria efetivo como método de aprendizado”.</p> <p>“- Acho que não, pois as aulas são para estudar”.</p>

Tabelas 3: Pergunta aberta

O que você espera de uma aula de Sociologia tendo Rap como ferramenta didática?

“- Espero que ela use o Rap para demonstrar como é retratado os problemas da sociedade”.

“- Acho que eu iria aprender mais, pois eu sou melhor aprendendo música do que matéria”.

“- Mais interesse dos alunos”.

“- Espero que o aluno entenda a matéria com menos dificuldade e consiga ter uma interação melhor nas aulas”.

“- Um aprendizado cultural nas salas de aula”.

“- Espero que dê muito certo, resultaria em coisas boas”.

“- Que fale sobre cultura, política, etc.”.

“- Desenvolveria crítica social, pensamentos e ideias. A dinâmica do Rap em envolver a realidade e diversas situações do cotidiano, trabalha o coletivo”.

“- Uma aula explicada de maneira mais fácil fazendo com que todos os alunos entendam”.

“- Espero uma aula bem agitada e com novos conteúdos”.

“- Falando sobre o cotidiano como desigualdade cultural, social, e tudo mais”.

“- legal!”.

“- Uma aula que ajude a entender a matéria com mais facilidade e divertida”.

“- Uma forma de explicar a matéria com uma coisa que a gente gosta. O Rap fala sobre o cotidiano”.

“- Espero uma aula diferente. As aulas precisam ter mais formas de explicação”.

“- Uma aula onde a gente ia aprender com uma música que fala da realidade social. O Rap e a Sociologia falam disso”.

“- Uma aula agitada, os alunos iam participar mais, aprender se divertindo. Ia ser bem maneiro”.

“- Uma aula diferente, acho que todos iam gostar bastante”.

“- Espero uma aula que a gente aprenda a matéria de outra forma. Tem muito texto e coisa pra escrever, às vezes é chato”.

“- Que traga coisas boas. Que fale de política, cultura, desigualdade social etc. O rap fala disso”.

Tendo como base os dados apresentados, é possível chegar a algumas conclusões e propor caminhos para uma prática pedagógica capaz de não só ouvir os alunos, mas inclui-los

no processo e na construção do currículo. Pois, segundo as OCN, “a própria ‘construção do currículo’, é um fenômeno sociológico” (p. 113). Reforçando o que propôs Dayrell (2007), o professor (a) e a comunidade escolar precisam adotar uma postura de escuta, saber de que maneiras esses jovens se interessam em aprender os conteúdos. As respostas dos questionários apontam que o recurso Rap seria aceito pelos estudantes como meio de aprendizagem dos conteúdos sociológicos. É fundamental pensar o papel do professor (a) como mediador (a) desse processo, tendo pleno domínio tanto da ferramenta aqui proposta, quanto dos conteúdos e dos conhecimentos. Uma hipótese é que as aulas são sempre conduzidas da mesma forma, de maneira hierarquizada onde o professor (a) é o personagem central e os alunos “depósitos de conteúdos”, sem nenhuma participação, como em uma educação bancária⁴¹ (FREIRE, 2019).

Compreendo os diversos “limites” desta monografia, que inviabilizaram um trabalho mais profundo. Principalmente, a não ida a campo para explorar melhor minha pesquisa. Contudo, o que foi explorado até aqui foi de grande valor para ela. Endossando as pesquisas que apontam a possibilidade de êxito na utilização do Rap nas aulas de Sociologia e na Educação Básica, como apontou Andrade (1999), Brito (2017), Dayrell (2002), Menegasso (2019), entre outros.

⁴¹ Nela o educador aparece como um indiscutível agente, como seu real sujeito, cuja tarefa indeclinável é “encher” os educandos dos conteúdos de sua narração. Conteúdos que são retalhos da realidade desconectados da totalidade... (FREIRE, 2019, p. 79).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho examinei como o Rap pode ser utilizado como recurso didático para ensinar Sociologia para os alunos do Ensino Médio. No primeiro capítulo, fiz uma breve apresentação do movimento Hip Hop e utilizei algumas letras para explicitar maneiras de trabalhar essa ferramenta com os estudantes, aplicados a conceitos e teorias sociológicas. Busquei dar sentido a essa possibilidade relacionando esses saberes a algumas composições, demonstrando, ainda, que o Rap tem potencial para contribuir na discussão de temas que são de competência das Ciências Sociais.

No capítulo dois, busquei problematizar categorias como “**juventudes**” e “**condição juvenil**”, explicando como elas podem contribuir na construção de uma prática pedagógica mais próxima da realidade dos alunos, ajudando, talvez, na elaboração do currículo escolar, partindo do entendimento de que os jovens precisam ser entendidos na sua diversidade como apontou Dayrell (2007). É preciso compreender as dimensões da condição juvenil para, assim, construir um ambiente escolar democrático e que considere os jovens como indivíduos de manifestações culturais distintas.

Num outro polo, ressignificar a percepção que os jovens têm da escola e os sentidos que eles atribuem à vida acadêmica. O conhecimento sobre as culturas juvenis é indispensável na realização das mudanças tão necessárias às escolas e à prática pedagógica do corpo docente das instituições educativas, de modo geral. Outros gêneros musicais e recursos também podem ser utilizados. O samba, o funk, o cinema, vídeos produzidos para internet, saberes populares, jogos, animações, filmes, etc.

É nesse sentido que o *habitus* discutido no capítulo 3 é essencial, pois é o que possibilita conhecer esses jovens, seus gostos, seus valores, como se comportam, o que esperam da escola, que horizontes costumam na relação entre a vida acadêmica e a vida profissional, etc. Essa postura não deve ser apenas competência dos professores de Sociologia, mas da comunidade escolar, de todos os envolvidos no projeto político-pedagógico das instituições educativas. Afinal, as mudanças necessárias só serão possíveis com a compressão de todos os envolvidos nesse processo.

Endosso: o Rap tem potencial de dialogar com a Sociologia junto aos jovens, pois, como vimos nas possibilidades didáticas, esse gênero aborda conteúdos discutidos pelas Ciências Sociais. É essa articulação que é proveitosa, e da qual o professor deve se favorecer para conectar os jovens com os conteúdos sociológicos. Contudo, na prática, sabemos da existência de alguns obstáculos na utilização desse recurso. A escola precisa ter recursos e

estrutura para a realização de uma aula de Sociologia com Rap. Seria preciso, preferencialmente, equipamentos de som, imagem, disponibilidade de internet, computadores e etc. O professor (a) que escolhe trabalhar com essa ferramenta, precisa ter o mínimo de conhecimento e domínio das músicas, pois as aulas de Sociologia possuem, geralmente, 50 minutos. Sendo assim, é necessário um plano de aula sistemático e conciso para que professor e alunos não se distanciem dos objetivos propostos.

Apesar de inspirar alguns cuidados, a utilização do Rap nas aulas é extremamente viável. Exatamente por isso, incentivo o uso dessa ferramenta e de mais pesquisas sobre essa temática, dado que, como apontaram os questionários aplicados no Colégio Estadual Olga Benário Prestes, descritos no capítulo quatro, é provável que haja uma boa recepção dos estudantes a esse tipo de metodologia.

Essa recepção positiva se deve, antes, às expectativas discentes em relação a aulas com recursos que mudem a dinâmica desses encontros, podendo incluí-los no processo de ensino-aprendizagem, tornando-os protagonistas de um projeto político-pedagógico significativo.

A escola é um espaço fecundo para as transformações educacionais discutidas neste trabalho, junto aos autores que foram referências e parte da metodologia do mesmo. O debate sobre culturas juvenis ter cada vez mais conexão com o contexto escolar e as práticas pedagógicas utilizadas nas escolas. Propostas que busque estabelecer contato com os jovens, desenvolver práticas pedagógicas com precisa as diferentes manifestações culturais e incentivar o reconhecimento às culturas juvenis dentro do espaço escolar.

“O que conforta é que os rappers são tão f* que os professores usam as letras conscientes na escola. Essa nem Paulo Freire poderia prever, marginalizado virando trabalho escolar TCC”

Morreria feliz - Eduardo Fação

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Glória da Anunciação. **A segregação socioespacial na metrópole paulista**. GEOUSP - Espaço e Tempo, São Paulo, Nº 29 - Especial, pp. 33 – 42. 2011.
- BERNSTEIN, B. **A estruturação do discurso pedagógico: classe, códigos e controle**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- BODART, Cristiano das Neves. **Precisamos dialogar acerca do (e no) ensino de Sociologia**. Cadernos da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais. Vol. n. 1. pp. 05-15. Jan/jun. 2020.
- BOURDIEU, Pierre. **"A juventude é apenas uma palavra"**. Questões de Sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, pp. 112-222, 1983.
- _____. **A distinção: crítica social do julgamento**. Porto Alegre: Zouk, 2007.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Brasília: MEC/SEF, 2006.
- _____. Lei 10639/2003, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.639.htm Acesso em 11 de dezembro de 2020.
- BRITO, Layla Alvarenga. **As manifestações culturais juvenis como temática para aprendizado dos conteúdos sociológicos: a oficina de Rap no Colégio Aurelino Leal**. 2017. 48f. Monografia (graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal Fluminense, Niterói (RJ), 2017.
- CARVALHO, José Murilo. **Cidadania no Brasil: o longo caminho**. 3º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense: (Coleção Primeiros Passos), 1980.
- DAYRELL, Juarez. **A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil**. Educ. Soc., Campinas, vol 28, n. 100, pp. 1105-1128, 2007.
- _____. **A escola como espaço sócio-cultural**. In. Múltiplos olhares sobre educação e cultura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.
- _____. **O jovem como sujeito social**. Rev. Bras. Educ. [online]. 2003, n.24, pp.40-52.
- _____. **O Rap e o Funk na Socialização da Juventude**. Educação e Pesquisa, pp. 117-136, 2002.

- _____. e Reis, Juliana Batista. **Juventude e Escola: Reflexões sobre o Ensino de Sociologia no Ensino Médio**. XIII Congresso da Sociedade Brasileira de Sociologia. (pp. 1-17). Recife: Edufal, 2007.
- DESTERRO, Fábio Braga do. **Sobre livros didáticos de Sociologia para o Ensino Médio**. 2016. 270f. Dissertação (mestrado) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2016.
- FILHO, Irapuan Peixoto Lima. **Culturas juvenis e agrupamentos na escola: entre adesões e conflitos**. Revista de Ciências Sociais, pp. 103-118. 2014.
- FONSECA, Ana. G. M. Fernandes; POSSARI, Lucia. H. V. **A moda demarcando espaço: o caso da “moda hip hop”**. Iara – revista de moda, cultura e arte – São Paulo – v.3. n. 1 ago. 2010 .
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 69º ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.
- GEERTZ, Clifford. “Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura”. In: C. GEERTZ, **A Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, pp. 13-41, 1989.
- GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.
- _____. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6º ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GUIMARÃES, Maria Eduarda Araújo. Rap: transpondo as fronteiras da periferia. In: ANDRADE, Elaine Nunes de. (org.). **Rap e educação, rap é educação**. São Paulo: Summus, 1999.
- KLEINA, Cláudio. **Metodologia de pesquisa e do trabalho científico**. Curitiba: IESDE BRASIL S.A, 2016.
- LAZZARESCHI, Noêmia. **Sociologia Geral**. Curitiba : IESDE BRASIL S/A, 2018.
- LUCKMANN, Thomas; BERGER, Peter. L. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- NUNES, Antônio *et al.* **A lei 10639/2003 como instrumento político-pedagógico na perspectiva do combate ao racismo na educação básica**. Revista de Educação, Ciência e Cultura. Canoas, v. 20, nº 1, 2019.
- MENEGASSO, Ravi de Jesus. **O rap como recurso didático nas aulas de Sociologia**. Revista de Letras , pp. 135-145, 2019.
- MILLS, Charles Whight. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

- OLIVEIRA, Roberto Camargos de. **Rap e Política: Percepções da vida social brasileira**. São Paulo: Boitempo, 2015.
- PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.
- PIMENTEL, Spensy. Hip Hop como utopia. ANDRADE, Elaine Nunes de. (org.). **Rap e educação, rap é educação**. São Paulo: Summus, 1999.
- SANTOS, Mayara dos. **Educação e culturas juvenis: o rap no contexto escolar**. 2018, 171f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação. Área de concentração: Sociedade, Estado e Educação. Linha de pesquisa: Formação de Professores e Processos de Ensino Aprendizagem, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel, 2018.
- SETTON, Maria da G. Jachinto. **A teoria do Habitus em Peirre Bourdieu: uma leitura contemporânea**. pp. 60-70, 2002.
- SILVA, José Carlos Gomes. Arte e educação: a experiência do Hip Hop paulistano. In: ANDRADE, Elaine Nunes de. (org.). **Rap e educação, rap é educação**. São Paulo: Summus, 1999.
- TELLA, Marco Aurelio Paz. Rap, memória e identidade. In: ANDRADE, Elaine Nunes de. (org.). **Rap e educação, rap é educação**. São Paulo: Summus, 1999.
- WEBER, Max. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. V.2, Brasília: UnB, 1999.